

VANESSA BORGES DE MATOS

**CONSTRUÇÃO DE UM DICIONÁRIO DE METODOLOGIA DA
PESQUISA**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina Pesquisa em
Informação II do Curso de Gestão da
Informação do Setor de Ciências
Sociais Aplicadas da Universidade
Federal do Paraná.**

**Orientadora: Profa. Leilah Santiago
Bufrem.**

**Co-orientadora: Profa. Sônia Maria
Breda.**

CURITIBA

2003

EPÍGRAFE

*Os projetos fracassam por falta de consulta, mas têm sucesso quando há
muitos conselheiros.*

Provérbio 15, 22.

SUMÁRIO

RESUMO	IV
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 O TEMA E O PROBLEMA.....	5
1.2 OBJETIVOS E RESULTADOS ESPERADOS	6
1.2.1 Objetivo geral	6
1.2.2 Objetivo específico	6
1.3 JUSTIFICATIVA	7
2 LITERATURA PERTINENTE	09
2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA	09
2.2 ONTOLOGIA.....	11
2.3 TERMINOLOGIA.....	12
2.4 DICIONÁRIO.....	17
2.4.1 Conceitos	17
2.4.2 Organização	19
2.4.3 Uso	20
2.4.4 Dicionário eletrônico.....	22
3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	24
3.1 ANÁLISE	24
3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA E DOS TERMOS.....	26
3.3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E DOCUMENTAL.....	28
3.4 CONSTRUÇÃO DO DICIONÁRIO	28
3.5 FINALIZAÇÃO DA PESQUISA	30
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSIBILIDADE DE CONTINUIDADE DE TRABALHO.....	32
REFERÊNCIAS	34

RESUMO

Parte da investigação e análise de termos atuais e novas tendências em metodologia da pesquisa em informação, pra construir um Dicionário de Metodologia da Pesquisa em Ciência da Informação. Explora a literatura para permitir possíveis atualizações, visando o desenvolvimento de um dicionário especializado temático pertinente à área *pesquisa em informação*. Realiza um exaustivo levantamento de termos na literatura da área em língua inglesa, espanhola e portuguesa, procurando cobrir os últimos anos. O processo engloba a atualização de trabalhos realizados anteriormente e a indexação de novos termos a partir de um estudo anterior de vocabulário controlado em Ciência da Informação, assim como a ilustração dos modos de pesquisar com exemplos e referências dos autores para posterior publicação. Apresenta-se ao final um dicionário especializado capaz de auxiliar pesquisadores, professores, acadêmicos e profissionais, a se atualizarem e inovarem procedimentos metodológicos de pesquisa em Ciência da Informação. Estudos mostram uma vasta literatura, confirmando a importância dos conteúdos e enfoques proporcionados pela evolução constante do contexto científico e tecnológico.

Palavras-chaves: Dicionário; Pesquisa em Informação; Ciência da Informação; Metodologia científica.

1 INTRODUÇÃO

*Quem pode aquilatar o valor de um dicionário antes de tê-lo a sua disposição, de
manejá-lo, de compreendê-lo, de usá-lo?*
(SINCLAIR, 1991)

A temática relacionada à área de metodologia científica tem sido amplamente analisada e reavaliada no âmbito científico, existindo uma abrangente literatura pertinente em evolução. Estes estudos facilitam o pesquisador, na empreitada intelectual, na escolha dentre os métodos diversos de investigação e de diferentes níveis: do verdadeiro, do provável, do possível, do frutífero, do estéril, do impossível e do falso (ÍTALO, 1999). A metodologia científica, segundo Demo, (2000, p. 19) é a preocupação instrumental que trata das formas de se fazer ciência, cuida dos procedimentos, das ferramentas e dos caminhos para se fazer ciência. Como disciplina, refere-se ao estudo dos princípios e dos métodos de pesquisa (LAVILLE, 1999, p. 13). Quanto ao método, foi definido por Gil como o caminho para se chegar ao fim, ou o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para alcançar o conhecimento (1995, p. 27).

Este trabalho uniu-se aos esforços de um grupo de pesquisa em produção científica na área de Ciência da Informação, a partir de estudos realizados por acadêmicos dos cursos de Biblioteconomia e de Gestão da Informação. Um deles foi elaboração do trabalho de conclusão de curso de Jankoski¹ (1997), cujo produto final, um glossário de termos relacionados à pesquisa em Biblioteconomia, apoiou-se na literatura pertinente à área, com o propósito de proporcionar aos usuários as informações necessárias para a compreensão desses termos.

Em 2002, como resultado de uma bolsa concedida pelo Tesouro Nacional,

¹ JANKOSKI, D.A. **Glossário de termos relacionados à pesquisa em Biblioteconomia**. Curitiba, 1997, 61 f. Monografia (Conclusão de curso) – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná.

Fecchio², orientado pelas professoras Leilah Santiago Bufrem e Sônia Maria Breda, apresentou um levantamento detalhado de outros termos em relatório, acrescentados ao glossário e estruturando-os em forma de dicionário, incluindo aplicações concretas das modalidades de estudo e técnicas de pesquisa aplicáveis à área de Ciência da Informação, assim como exemplos ilustrativos. O relatório ainda apresentou referências, créditos de autoria e quando necessário, resumos traduzidos para a língua portuguesa.

A partir dessas pesquisas realizadas na área, observou-se que a Ciência da Informação, enquanto campo do conhecimento para a compreensão deste estudo, é parte do corpo disciplinar, que deve habilitar o acadêmico ou profissional a participar, de forma crítica, na ação conjunta e solidária em seu contexto. Powell (1999, p. 108) em seu estudo, *Recent trends in research: a methodological essay*, confirma esse privilégio ao verificar que, para esses profissionais, os métodos de pesquisa estariam entre vinte das mais citadas fontes básicas do conhecimento. Do ponto de vista epistemológico, pode-se afirmar, pela literatura que as sustentam e pelo seu desenvolvimento nas últimas décadas, que as ciências voltadas à informação adquiriram incontestável importância em relação a duas vertentes, a primeira é definida como a comunidade acadêmica e científica, e a segunda são os profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. E é assim que um campo de conhecimento em formação torna-se aos poucos fundamental para os desenvolvimentos teóricos e práticos das atividades voltadas ao processamento, recuperação, produção e disseminação da informação. A crença de que o método científico pode ser usado efetivamente no estudo desse campo de atuação e que permite a estruturação de conhecimentos sistematizados derivados da observação, da experimentação e de outros métodos produtivos de pesquisa, decorre da constatação de que a produção de

² FECCHIO, S. **Relatório de Pesquisa em Informação**: PIBIC/CNPq e UFPR/Tesouro Nacional: Curitiba, 2002. 20 f. Relatório final do programa de bolsas de Iniciação Científica apresentado ao PIBIC/CNPq e UFPR/Tesouro Nacional, do Curso de Gestão da Informação, Setor de Sociais Aplicadas, UFPR.

novos saberes é gerada pelo trabalho e reflexão sobre objetos especiais, com métodos selecionados diante de escolhas criteriosas para descrever e explicar fenômenos.

Considerando-se as transformações que influenciam o campo específico da informação, sujeito aos impactos das tecnologias que revolucionam até mesmo esquemas de ação e construção intelectual, as pesquisas na área devem ser identificadas e reconhecidas, para que sejam analisadas criticamente e a elas possam ser incorporados novos conhecimentos.

Parte-se do pressuposto de que os procedimentos metodológicos para a realização de pesquisas devem ser objeto de estudos freqüentes e especializados em todas as áreas do conhecimento. Na área de Ciência da Informação, de um modo especial, esses estudos justificam-se pela grande disponibilidade na literatura. Especialmente voltada à reflexão sobre a pesquisa científica, cabe aos acadêmicos e profissionais, coletar, analisar e disponibilizar aos interessados no tema, informações teóricas e práticas para a construção de alternativas coerentes com o desenvolvimento metodológico da área.

Assim, a partir do levantamento da literatura pertinente do campo específico voltado à informação, realizado anteriormente, busca-se atualizar e alimentar o dicionário com termos presentes na literatura mais recente sobre pesquisa, usando-se como base os instrumentos anteriormente desenvolvidos. A reunião das opções metodológicas concretizadas pelos autores em suas pesquisas e identificadas em fontes didaticamente acessíveis informa sobre as mais recentes modalidades de investigação da área, possibilitando a criação de um dicionário especializado que auxilie profissionais, alunos e professores na compreensão exata e adequada das técnicas e métodos de pesquisa, assim como a própria terminologia da área. A produção registrada de conhecimentos em ciência da informação é marcada pelo debate em torno de delimitações de campos específicos de cuja união resulta a informação enquanto objeto científico. Assim, arquivologia, museologia, documentação e gestão da informação, entre outros campos, podem usufruir de um

referencial metodológico comum, necessário não apenas para indagações sobre o relacionamento teórico/prático como também para provocar questionamentos sobre novas tecnologias e contribuir para a solução de problemas teóricos ou empíricos.

A apresentação sistematizada dos conhecimentos coletados sobre pesquisa em Ciência da Informação, resultante da elucidação de conceitos, introdução de textos de autores reconhecidos na área de metodologia da pesquisa e exemplos de trajetórias e opções metodológicas, certamente possibilitará ao eventual leitor do produto resultante do presente trabalho uma compreensão exata e adequada das técnicas e métodos de pesquisa, assim como da terminologia específica da área.

Nesta Introdução, descreve-se sinteticamente a metodologia científica, o método em si, a importância da pesquisa na área, e os trabalhos realizados anteriormente. Finaliza com as apresentações da problemática e dos objetivos que nortearam esta investigação e sua justificativa.

O segundo capítulo analisa a base referencial teórica sobre a metodologia da pesquisa, o método de pesquisa, definições e importância para o processo de comunicação científica; estudo sobre terminologia; o dicionário, definição, importância e uso e finaliza descrevendo a importância do dicionário eletrônico.

O capítulo três retrata a trajetória metodológica, descrevendo os passos desenvolvidos para que fossem alcançados os objetivos propostos nesta investigação, subdividindo-se em cinco etapas: análise, delimitação, levantamento, construção e finalização.

As considerações finais e sugestões formaram o quarto capítulo que apresenta uma síntese da investigação aqui descrita. Finalmente, as referências e os anexos são apresentados.

1.1 O TEMA E O PROBLEMA

“Todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta não pode haver conhecimento científico.”
(BACHELARD, 1996)

Elegendo-se como foco de estudo e contribuição para a produção de um trabalho de conclusão de curso em pesquisa em informação intitulado Dicionário de termos sobre Metodologia da Pesquisa em Ciência da Informação, concebeu-se este esforço no intuito de ampliar os conhecimentos na área.

A primeira fase de uma pesquisa exploratória ou documentária é a conceituação de termos. Muitas vezes pesquisadores, como é o caso daqueles que atuam na área de informação, ao iniciarem suas pesquisas, sentem falta de um instrumento de apoio para planejar sua trajetória metodológica, no que se refere principalmente ao conhecimento de métodos, técnicas e instrumentos para sua realização. Um dicionário especializado é uma obra de consulta que se pode constituir em referencial de apoio à tomada de decisão quanto aos elementos formais da pesquisa.

A seleção dos termos que devem constar de um dicionário especializado é tarefa que requer uma investigação inicial, especialmente em relação aos conceitos considerados fundamentais na área. Essa seleção dependerá de um conhecimento dos fundamentos da área para que se estabeleça um mapeamento dos termos integrantes do dicionário a ser construído.

Pautaram o trabalho questões relevantes para o desenvolvimento da pesquisa, tais como, que termos com suas respectivas definições deveriam ser incluídos na obra de referência a construir, que exemplos significativos de pesquisas já realizadas deveriam acompanhar essas definições, como deveriam ser distribuídos na obra os termos, suas definições e respectivos exemplos e como seriam apresentados os elementos complementares para facilitar a busca dos termos.

1.2 OBJETIVOS E RESULTADOS ESPERADOS

1.2.1 Objetivo geral

Contribuir para a construção de um dicionário especializado sobre termos relativos ao campo específico da metodologia de pesquisa em informação cujas bases teóricas e relatos da prática permitam a aplicabilidade das opções de pesquisa analisadas ao campo da informação, assim como a novos contextos do conhecimento, destinado a pesquisadores e profissionais das áreas relacionadas, a partir da identificação e análise de obras representativas da literatura sobre o campo em questão, definindo e exemplificando sua terminologia.

1.2.2 Objetivos específicos

Especificamente pretendeu-se:

- realizar uma análise preliminar dos trabalhos anteriores;
- delimitar os termos a serem identificados e analisados para delinear seu mapeamento e configuração ontológica;
- analisar e buscar os termos pertinentes ao tema pesquisa em informação na literatura recente;
- selecionar os exemplos dos termos pertinentes ilustrativos de opções metodológicas, conforme as categorias selecionadas;
- representar a produção selecionada, de forma impressa, por meio de referências, com ênfase nas opções metodológicas pré-definidas;
- disponibilizar o dicionário de forma eletrônica;
- revisar e normalizar o produto.

1.3 JUSTIFICATIVA

Esta investigação faz-se necessária para responder à falta de obras de referência na área de Ciência da Informação, mais especificamente relacionada ao campo da Metodologia da Pesquisa. Na era do conhecimento, em que a necessidade de informação é sentida continuamente, nenhuma fonte é tão importante quanto o dicionário, no qual a consulta é um meio particular de transmissão da informação. A consulta é fundamental para a compreensão de símbolos que usamos na comunicação, e seu caráter pedagógico e social é reconhecido, pois auxilia didaticamente e ajuda a eliminar o ruído provocado na comunicação por termos desconhecidos (CAMPELLO; CALDEIRA; MACEDO, 1998, p. 194). Essa inexistência justifica a pesquisa, uma vez que quando se trata de um dicionário ou obra de referência, não é necessário se identificar os clientes/usuários porque o produto é único, sem precedentes no mercado e portanto sem concorrentes, o que classifica esta obra como um importante veículo de estudo sem a necessidade de se realizar pesquisas para identificar a sua usabilidade. Sendo extremamente essencial para potencializá-la na compreensão de como os dicionários são feitos e que recursos propiciam.

Dando continuidade a trabalhos acadêmicos realizados anteriormente, cujos objetivos foram levantar e analisar termos da área Metodologia da Pesquisa, este estudo se faz necessário para sistematizar o que já foi realizado e contribuir para a finalização do que se pretende, ou seja, um dicionário especializado sobre modos de conduzir uma pesquisa em informação.

Pretende-se, com o produto deste trabalho subsidiar estudos, principalmente de pesquisadores, estudantes, profissionais ou professores, embora ele possa ser utilizado por qualquer pessoa interessada em conhecer mais sobre os procedimentos para a realização da pesquisa da área. Amplia-se a expectativa de sua utilidade principalmente na pesquisa em instituições de ensino superior, centros de informação

e documentação, museus e bibliotecas como apoio a outros profissionais da área do conhecimento que venham a ter a necessidade de esclarecer conceitos e significados, ou ainda que necessitem identificar os autores da área de Metodologia da Pesquisa. Pretende-se, ainda, utilizar-se de verbetes para a condensação, estruturação e disponibilização das informações pertinentes dispersas na literatura, facilitando o trabalho do pesquisador.

A justificativa para se elaborar um repertório dessa natureza consiste na necessidade de utilização freqüente desses termos especializados, tanto por docentes, quanto por discentes ou por profissionais pesquisadores, o que requer buscas a uma considerável quantidade de documentos, razão pela qual a sua reunião em apenas um volume poderá proporcionar condição mais efetiva ao processo de aprendizagem e às atividades de pesquisa.

Uma observação de Schwartzman ilustra bem a questão relacionada à maior ou menor precisão das definições. Ao referir-se à inexistência de fronteiras claras entre “pesquisa acadêmica”, “pesquisa aplicada” e “pesquisa básica”, por exemplo, o autor afirma que os sentidos dos termos variam em relação à época, ao país ou à disciplina que os utilizam. O mesmo tipo de atividade seria, portanto, denominado de uma ou outra forma, conforme o contexto (1981, p. 9).

Nesse caso, a orientação do presente trabalho atende o conselho do pesquisador no sentido de substituir a definição precisa por um termo relacionado ao contexto e à apropriação social do termo. Assim sendo, “algumas definições operacionais tornam-se possíveis” (SCHWARTZMAN, 1981, p. 9). Justifica-se, desse modo, o esforço para a construção de um instrumento que, ao manter tais definições, supere a pretensão de dar uma definição única aos mesmos termos, designando-os segundo a sua pertinência.

2 LITERATURA PERTINENTE

Diante da importância e do interesse em realizar uma pesquisa cujo produto final fosse um dicionário, verificou-se a necessidade de um esforço inicial de levantamento de fontes que demonstrassem aspectos relacionados ao domínio concreto do conhecimento sobre metodologia da pesquisa em Ciência da Informação e questões relativas à terminologia e ao dicionário, tais como conceitos, importância, uso e elaboração.

2.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Ao considerar que o trabalho científico, desenvolvido sobre um determinado contexto social e num dado momento histórico, sempre reflete as mudanças e contradições desse contexto, tanto em sua organização interna quanto em suas aplicações, Bufrem argumenta que a informação científica e a técnica são ao mesmo tempo matéria primeira e produto final da ciência e podem desempenhar um papel ideológico manifestando-se, não apenas nas escolhas temáticas, mas até e principalmente, nas trajetórias metodológicas selecionadas pelos autores dos trabalhos intelectuais que fazem parte do capital cultural de um determinado campo de conhecimento e atuação (2000, p. 11).

A palavra pesquisa vem do latim *pesquisa* de *perquirere*, averiguar, significando o ato ou efeito de pesquisar, a indagação, a investigação (PRIBERAM).

A literatura sobre o tema já indica quão importantes são as atitudes que se devem tomar quando da realização do planejamento até a execução de uma pesquisa.

A respeito, Lopes define pesquisa como:

uma série de pontos de decisão, que apresentam modos alternativos pelos quais uma pergunta genérica pode tomar contornos mais definidos. O significado dos resultados da investigação dependem sempre das séries particulares de decisões e opções que foram feitas ao longo do processo de investigação (1990, p. 87).

Podemos, assim, conceituá-la como sendo um conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante utilização de métodos científicos. Uma das características do ser humano, e que de certa forma o distingue dos demais seres vivos, é sua inquietação no que se refere à sua existência, origem, destino e relação com seus semelhantes, com o meio ambiente e outros. Em outras palavras, podemos dizer que o homem é pesquisador por natureza. Pesquisar é procurar respostas para suas indagações, questionar. Ao buscar respostas para suas dúvidas, novas soluções para seus problemas, o homem se desenvolve, estudando, pesquisando, reinventando e inovando.

A palavra método origina-se do grego, *methodos*, composta de *meta*: através de, por meio de, e de *hodos*: via, caminho. Demo define o método como uma preocupação instrumental que trata das formas de se fazer ciência, cuidando dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos (1983, p. 19). Chaui argumenta que o usar um método é seguir regular e ordenadamente um caminho através do qual uma certa finalidade ou um certo objetivo é alcançado (1995, p. 157).

O método é, portanto, um instrumento racional para adquirir, demonstrar ou verificar conhecimentos. Na vida cotidiana, associamos o método à ordem e à organização, mas no campo intelectual a palavra método relaciona-se ao termo metodologia e esta, agregada ao conceito de pesquisa científica, dá forma a outro conceito, o de metodologia da pesquisa científica, como disciplina intelectual que visa responder às indagações do homem a respeito dos fatos do mundo exterior, na cultura e na natureza.

Assim, os fatos ou objetos científicos não se reduzem aos dados empíricos espontâneos de uma experiência, e a pesquisa científica seria, segundo Chaui, um “conjunto de atividades intelectuais, experimentais e técnicas, realizadas com base em métodos” (1995, p. 250).

Cada situação de pesquisa requer, para que sejam atingidos os seus

propósitos, cuidados específicos e determinadas exigências de rigor metodológico. Nesse sentido, a metodologia seria "um conjunto de procedimentos utilizados pelos autores para estudo do objeto de pesquisa". Esse conjunto de procedimentos que inclui estratégias, abordagens ou posturas metodológicas, métodos explícitos ou não, técnicas e instrumentos de coletas de dados recebe, em textos analisados por Bufrem (1996, p. 82), uma gama variada de denominações como metodologia, material e métodos, trajetória, estratégia, técnica ou método de trabalho, entre outras, que traduzem mais ou menos, explicitamente, as linhas epistemológicas seguidas.

2.2 ONTOLOGIA

Voltada a processos que contribuem para a produção do conhecimento, a Ciência da Informação preocupa-se com a padronização da terminologia utilizada para se encontrar e se classificar a informação. A terminologia utilizada nessa área desenvolveu-se através do vínculo de conceitos com outras áreas do conhecimento, principalmente conceitos oriundos das disciplinas de Biblioteconomia e de Informática. Através dessa evolução surgiram novos significados na Ciência da Informação (SANTOS, 2001). Para definir termos é essencial analisar como os conceitos serão identificados. Desta análise deriva a importância do uso de ontologias para caracterizar e relacionar entidades em um domínio do conhecimento. Definir ontologia é classificar em categorias aquilo que existe em um mesmo domínio do conhecimento. Sowa (1999) afirma que uma ontologia é um catálogo de tipos de coisas, as quais se assume existir em um domínio de interesse, na perspectiva de uma pessoa que usa uma linguagem.

O termo ontologia tem origem grega *ontos*, ser e *logos*, deriva-se da palavra aristotélica *categoria*, usada para classificar ou categorizar algo. Na literatura encontram-se várias definições sobre a ontologia, sendo a mais simples e objetiva a de Borst (1997, p. 12) que a considera como “... uma especificação formal e explícita

de uma conceitualização compartilhada”. As ontologias podem ser classificadas de acordo com o grau de formalidade de seu vocabulário, com a estrutura e o assunto da contextualização, com sua função e com a sua aplicabilidade. Seus componentes básicos são as classes organizadas em uma taxonomia, as relações que representam a interação entre os conceitos, os axiomas, que são as sentenças verdadeiras e as instâncias, que representam os dados (GRUBER, 1996).

Atualmente existem ferramentas automatizadas capazes de auxiliar na construção de ontologias, e essa técnica vêm contribuindo para diversas áreas que necessitam utilizar ontologias, como a que estuda linguagens naturais que utilizam para caracterizar o sentido e o significado da palavra, a de recuperação da informação sob o aspecto da semântica, e em geral, a comunidade de Ciência da Informação, em estudos de metadados, visando a melhoria da eficiência de recuperação da informação.

2.3 TERMINOLOGIA

A terminologia da Ciência da Informação tem-se constituído a partir dos discursos que buscaram conceituar disciplina, delimitar o objeto de estudo, tratar da formação dos conceitos, buscar um modo próprio de enunciar as descobertas de um novo conhecimento e construir as estratégias de opções teóricas (VÁLIO, OLIVEIRA, 2003, p. 131.)

No trabalho apresentado, teve-se a definir termos de uma disciplina da área de Ciência da Informação: a Metodologia da Pesquisa, embora ela seja utilizada em todo o âmbito do conhecimento, procurando sempre auxiliar pesquisadores no desenvolvimento de suas pesquisas. Sendo importante ressaltar não somente a evolução da Ciência da Informação, mas da disciplina Metodologia da Pesquisa, justificando suas demarcações com outras disciplinas, mesmo sendo interdisciplinar.

Desta forma a constituição terminológica do trabalho construído pode ser analisado através da ontologia definida.

Cabré explica que a terminologia está sendo constantemente afetada pelas transformações sociais, devido a grande eclosão que sofre essa disciplina pelas mudanças que influenciaram as necessidades lingüísticas, pois a ciência e a técnica conhecem um desenvolvimento sem precedentes, provocando a aparição de novos conceitos e campos conceituais que requerem novas denominações. A tecnologia cresce e se difunde aceleradamente na sociedade, surgindo novos campos de atuação econômica, como o das chamadas "indústrias de linguagem", assim como novas formas comunicativas. As relações internacionais expandem-se e os mercados ampliam-se. A massificação da produção é conseqüência e motor da importância exclusiva do produto padrão. O conceito artesanal cai em desuso. A transferência de conhecimentos e produtos, considerada um dos aspectos mais relevantes da sociedade atual, provoca a aparição de novos mercados de intercâmbio científico, técnico, cultural e comercial; obriga a resolver questões multilingüísticas e provoca a necessidade de normalizar os sistemas e unidades de referência. A informação passa a ter uma importância capital e se multiplica extraordinariamente. Essa grande massa de dados necessita suportes potentes e eficazes. Assim se criam bases de dados de todo tipo, a requerer atualização contínua, fácil acessibilidade e uso multidimensional. Como conseqüência, surge uma nova necessidade de normalizar os sistemas e os elementos de armazenamento e recuperação da informação, assim como de padronizar os sistemas de transferência automatizada e os conteúdos dos grandes armazéns de dados, cada vez mais sofisticados. O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa permite a difusão generalizada da terminologia, com a conseqüente interação entre o léxico geral e o especializado. Graças aos meios de comunicação, os termos específicos se popularizam. A intervenção dos governos em matéria lingüística provoca a inclusão da terminologia nos planos de normalização das línguas e a criação de organismos oficiais para gestioná-la. A concentração quase

que exclusiva de criação científico-técnica nas potências economicamente dominantes produz uma transferência unidirecional de conhecimentos e de novos produtos, o que acarreta uma entrada em massa de empréstimos, sobretudo técnicos e comerciais, em países que até recentemente se consideram culturalmente potentes. Uma forma de fazer frente a essa nova situação é colocar em marcha políticas lingüísticas defensivas, que favorecem a aparição de novas profissões nesses campos. Países pequenos, com ou sem estado, com línguas em situação instável em algum grau, elaboram também planificações da língua que requerem um bom número de profissionais de linguagem. Um dos campos de importância capital para a normalização da língua é o das linguagens de especialidade e entre ela, a terminologia (1993, p. 25-27).

Nesta exposição percebe-se que a terminologia está sendo estruturada em contextos diversos como uma resposta concreta às necessidades metodológicas e normativas, para desfazer a ambigüidade na comunicação científica.

Em qualquer atividade, os métodos de trabalho se adaptam às possibilidades do meio em que essa atividade se desenvolve. A terminologia não é nenhuma exceção a esse princípio. Portanto, o enfoque e a organização do processo de trabalho terminográfico, que consistem da recompilação, descrição e ordenação dos termos de uma linguagem especializada, realizam-se segundo a situação da temática de que trata o trabalho, segundo a situação lingüística e terminológica do contexto, segundo a finalidade do trabalho e segundo o tipo de língua em que deve ser veiculada a comunicação especializada (CABRÉ, 1993, p. 48).

No caso de trabalho terminológico orientado à normalização de conceitos e termos, o processo de seleção de uma denominação normalizada ou o processo de fixação de um conceito tem sido realizado por comitês de especialistas, que selecionam uma das distintas possibilidades terminológicas que oferece uma língua determinada, para chegar a estabelecer uma única forma de denominação válida para cada conceito (CABRÉ, 1993, p. 48).

Uma mesma ferramenta pode, por exemplo, receber numerosos nomes nas diferentes regiões de um mesmo país e com a explosão científica, técnica e industrial torna-se necessária à normalização para que com a unificação de termos sejam firmadas as denominações.

A designação de objetos e processos é fundamental para o homem organizar seu pensamento e comunicá-lo, para conquistar o mundo, entendê-lo e transformá-lo. Segundo Pasquarelli e Tálamo, o ser humano apropria-se do vocabulário, ao mesmo tempo em que o transforma segundo as circunstâncias da vida (1995, p. 229).

Na ausência de designação própria, ou seja, quando ocorrências contraditórias referem-se ao mesmo termo, há a necessidade de construí-lo ou adequá-lo de modo a evitar que se perca a experiência e a oportunidade de desenvolvimento do seu estudo ou aplicação.

A designação é, portanto, forma de fixação e de comunicação, para garantia de uma comunicação efetiva, com o menor índice de ruído e significados incorretos ou acessórios (PASQUARELLI; TÁLAMO, 1995, p. 28).

Do exposto, evidencia-se que toda terminologia tem se revestido de uma finalidade, seja científica, cultural, social ou profissional, voltada prioritariamente para exprimir saberes temáticos, ou seja, contribuir para o sucesso do empreendimento de organização lingüística de uma comunidade.

Para entender e fazer-se entender em seu âmbito de ação acadêmica e profissional, o ser humano necessita utilizar uma linguagem especializada, ou seja, uma terminologia própria. A importância da terminologia manifesta-se no uso adequado e correto dos vocábulos, sem o que se corre o risco de confusão eminente.

Possuir um conceito, segundo o Dicionário Oxford de Filosofia, "é ter a capacidade de usar um termo que o exprima ao fazer juízos" (BLACKBURN, 1997, p. 66). Mas a capacidade de utilizar termos adequados parece uma virtude cada vez mais rara. Isso porque está relacionada com aspectos tais como o reconhecimento da

propriedade do termo em relação ao contexto específico ao qual o conceito se aplica e às conseqüências de sua aplicação.

Por meio da união da informação com o conceito, nasce uma unidade conceitual para ser utilizada na expressão da comunicação através de símbolos lingüísticos, formando palavras escritas ou faladas. As palavras podem ser expressas de muitas maneiras diferentes, para o que os alfabetos constituem uma parte importante. Do ponto de vista das ciências da documentação, o processo não termina na palavra, pois esta representa uma informação útil, contida em documentos, que deve ser tratada, armazenada e recuperada para ser utilizada posteriormente.

Uma palavra pode ter vários significados segundo o campo de aplicação, mas possui somente um significado em seu campo específico. A terminografia, enquanto disciplina que tem por objetivo o registro das correspondências permanentes termo-conceito, determinando a posição de um conceito dentro de seu âmbito de aplicação, é de suma importância para a construção de bancos de dados terminológicos. Os terminólogos são os responsáveis pelo trabalho terminológico e terminográfico, embora venham obtendo reconhecimento só atualmente. Sua existência é primordial para o entendimento entre os cientistas e especialistas de qualquer atividade.

Quanto aos termos, em sua variedade de signos, são unidades, que apresentam uma dupla aparência: o de expressão, explicitada por meio da denominação; e de conteúdo, que representa a noção do conceito a que se refere à denominação.

2.4 DICIONÁRIO

2.4.1 Conceitos

Segundo o Novo Dicionário Aurélio, dicionário é uma palavra do latim

dictionariu, locução, “conjunto dos vocábulos de uma língua ou dos termos próprios de uma ciência ou arte, dispostos por ordem alfabética e com a respectiva significação ou a sua versão noutra língua”. Uma outra definição encontra-se na

Microsoft Encarta Enciclopedia, segundo a qual dicionário é a

relação alfabética de palavras de uma língua, dando seu significado, ortografia, etimologia, pronúncia e divisão silábica. Num sentido mais geral, o termo dicionário é também usado para qualquer texto em ordem alfabética que trate de aspectos especiais de uma língua, como abreviaturas, gíria ou etimologia, ou onde termos especializados de um assunto são definidos. Assim, atualmente, têm sido publicados dicionários de ciência, biografias, geografia, matemática, história e filosofia.

Nas definições citadas pode-se observar as distinções entre dicionário de assunto, abordado na primeira e de língua, na segunda. O dicionário de assunto surgiu do desenvolvimento das ciências e da tecnologia, dirigidos a um área específica do conhecimentos e geralmente escritos por especialistas, procurando apresentar verbetes completos e de fácil atualização. São divididos em monotemáticos e enciclopédicos, considerados quando fornecem informações biográficas e históricas.

O dicionário de língua contém informações fonéticas, gramaticais, etimológicas e semânticas acerca das unidades lexicais de uma língua. Permite que o usuário tenha uma melhor compreensão de termos desconhecidos, com o objetivo de dominar os meios de expressão e aumentar o vocabulário pessoal. Podem ser encontrados em três tipologias: unilíngues, especializados e os multilíngues (CAMPELLO; CALDEIRA; MACEDO, 1998, p. 207).

Vega exemplifica que no *El Diccionario de la Real Academia Española* a definição dicionário está como livro com termos explicados em ordem geralmente alfabética de uma ou mais línguas, ou de uma ciência, faculdade ou matéria determinada (1995, p. 83). E ainda descreve que um dos primeiros dicionários que se conhece foi criado por Calímaco por volta de 270 a.C., sendo um dicionário ideológico que pretendia designar o nome as coisas em distintas partes do mundo. E assim sucederam-se outros, surgindo novas modalidades, evoluindo sua diversidade

até chegar na apresentação em CD-ROM.

Gates explica que nos primeiros dicionários os termos eram numa língua e seus significados em outra, como por exemplo o dicionário com palavras sumérias com seus significados semítico-assírios, encontrado entre tabletes de argila, recuperados das ruínas da civilização suméria. Na língua inglesa o termo *dicionarius*, definido com uma coleção de palavras, foi utilizado pela primeira vez em 1225, como o título de uma coleção de vocábulos latinos (1972, p. 28).

A primeira função de um dicionário é estabelecer definições, devendo ser usado não só para esclarecer significados como também para confirmá-los. Os dicionários atendem as necessidades de seus usuários em relação à comunicação linguística como a de conhecer os recursos de informação divulgados em línguas estrangeiras através dos dicionários bilíngues. Os dicionários técnicos ou regionais permitem estabelecer uma norma comum para linguagens particulares de modo que o autor do texto tenha acesso a uma competência linguística comum. Há também a necessidade de aumentar os conhecimentos pela informação sobre palavras e coisas, descritas nos dicionários enciclopédicos.

Há uma enorme variedade de dicionários, tendo várias tipologias, o dicionário temático ou de assunto, tem por finalidade principal definir termos de um assunto e dirigidos a uma área específica do conhecimento. A sua existência é essencial nas áreas do conhecimento, pois pesquisadores e profissionais utilizam uma linguagem especial: os jargões. Esses jargões dificultam os não especialistas da área à compreensão ou significado do termo. E é com esse enfoque que os dicionários especializados buscam quebrar esta barreira, auxiliando na compreensão da simbologia e da terminologia adotadas, adaptadas ou inventadas por especialistas.

Segundo Dias, os dicionários temáticos completam os dicionários de língua e o fazem de duas formas. Primeiramente pela inclusão de termos altamente especializados, que dificilmente são encontrados nos tradicionais, e em segundo as definições tendem a ser mais completas no que diz respeito aos significados do termo

na especialidade.

Os dicionários especializados também possuem as características de fazer referência aos autores, escola e teorias associadas às definições, o que no produto apresentado em anexo referencia os autores, facilitando a busca mais detalhada do termo de interesse pelo usuário (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2000, p. 201).

2.4.2 Organização

Os dicionários apresentam-se de diversas maneiras, mas segundo Vega, em geral devem se adaptar à seguinte estrutura: a introdução, que deve conter o prefácio, indicando os critérios de elaboração, o conteúdo selecionado, a organização do dicionário e as normas de uso que o usuário deve seguir para facilitar o acesso à informação; a lista de abreviaturas, facilitando assim o usuário no entendimento dos significados e o corpo textual, onde constarão os termos ordenados com seus respectivos significados. A ordem das palavras deve ser sistemática – pouco usual, alfabética, ou a mescla de ambas. E no final deve conter os apêndices, contendo a Bibliografia utilizada e consultada (1995, p. 93).

2.4.3 Uso

O uso efetivo do dicionário por parte do usuário só será concretizado após um estudo detalhado, que permita entender a sua proposta, o seu desenvolvimento e as suas limitações. Em cada um há limitações, não dispensando a consulta a vários dicionários, os quais nunca serão completos e perfeitos, devido à área do conhecimento estar sempre em constante expansão.

Os dicionários, em geral, usam para cada verbete um conjunto de abreviaturas e um arranjo particular conforme a sua tipologia. Para seu adequado uso, os dicionários geralmente incluem no prefácio uma explicação sobre o modo de

consulta e os recursos disponíveis na obra. A consulta ao dicionário pelo usuário, como qualquer obra de referência, só será eficiente se realizado preliminarmente um estudo minucioso e detalhado, verificando como foi desenvolvido e quais são seus limites, verificando se ele atende as suas expectativas, pois cada dicionário tem suas limitações, devendo-se recorrer à consulta a vários para comparação.

Segundo Campello, Caldeira e Macedo, para avaliar um dicionário deve-se considerar vários aspectos:

- cobertura – a melhor forma de avaliar este critério é realizando a comparação de dois ou mais dicionários congêneres, através destas comparações é possível verificar qual ou quais dicionários têm uma maior abrangência de cobertura, ou seja, verificando os termos e suas definições;

- autoridade – é reconhecida pelo renome de seu autor, corpo de colaboradores e editor. O rigor na compilação também contribui para o reconhecimento da autoridade do dicionário;

- vocabulário – avalia a qualidade da exatidão e clareza na redação dos verbetes, verificando até que ponto o dicionário oferece os conhecimentos essenciais e necessário à prática da língua, verifica se o dicionário apresenta termos técnicos e científicos, gíria, regionalismo, termos arcaicos ou em desuso, termos estrangeiros já adotados na linguagem corrente etc. O número de verbetes também influencia na qualificação do dicionário que pode ser classificado como: grande, médio, mini, colegial, condensado;

- revisão, nova edição e impressão – avalia a atualização do dicionário, em que o prazo para uma nova edição deve ser de no máximo 10 anos;

- indicação de uso das palavras – este critério pode ser considerado de natureza prescritiva se defendido pelos que advogam o dicionário como o guardião da língua. E de natureza descritiva, considerado pelos que defendem a inclusão de todos os vocábulos atuais usados pela população, sem nenhuma recomendação de uso. A indicação de uso, de natureza descritiva, por exemplo como, gíria de gatuno (gir.

de gat.), vulgar (vulg.), antiquado (antq.), familiar (fam.), mais usado (m. us.);

- etimologia – serve para indicar a origem das palavras, geralmente são colocados logo após a entrada, entre colchetes. Em grandes dicionários, é indispensável; nos colegiais pode-se omitir;

- definição – verifica-se a redação textual, que deve ser curta, clara e empregar palavras conhecidas. As várias acepções do termo geralmente vêm numeradas, a melhor forma de avaliar este aspectos é comparar a outros dicionários, verificando qual atende melhor;

- informação gramatical – este aspecto varia de acordo com o tipo de dicionário, mas geralmente as informações relacionam-se à apresentação da variedade gramatical, constando nas notas de entrada para explicar qual o método utilizado;

- ortografia – verifica-se se segue o *Vocabulário ortográfico da Academia Brasileira de Letras*, que tem valor legal;

- pronúncia – deve-se indicar, utilizando um método padronizado, colocando a forma de pronúncia entre colchetes após a entrada;

- sinônimos e antônimos – muitos apresentam apenas alguns sinônimos e raríssimos os antônimos;

- formato, impressão, papel, ilustrações – deve ser agradável, de fácil manuseio e leitura. O papel deve ser de boa durabilidade, principalmente em relação às cores. Muitas vezes é indispensável o uso de ilustrações ou exemplos, pois o leitor interage e absorve mais rapidamente a definição (1998, p. 211).

2.4.4 Dicionário eletrônico

Como condição ao surgimento do dicionário eletrônico, a editoração eletrônica foi uma das aplicações de maior crescimento no campo da microinformática, oferecendo recursos surpreendentes para a produção de textos. O

avanço tecnológico, de fato, estimulou a produção de textos com a utilização das inovações eletrônicas, por meio da paginação automática, correção ortográfica e alterações de última hora, além de proporcionar uma maior interação do usuário/cliente e produto. A qualidade do produto final torna-se proporcional a sua capacidade de reduzir custos e economizar tempo, não só em relação a sua construção, como também a sua utilização.

O primeiro Dicionário Aurélio eletrônico foi lançado em 1993 pela editora Nova Fronteira, com mais de 130 mil verbetes e locuções, 1 milhão de palavras e cerca de 500 mil sinônimos. Possuindo também o dicionário reverso, o qual a partir do significado alcançaria o significante.

Os dicionários bilíngües também se beneficiaram da tecnologia. O advento da internet propiciou o surgimento de software de tradução, auxiliando internautas que não dominam determinada língua, principalmente o inglês, embora eles não resolvam totalmente o problema da tradução, mas reduzem bastante o tempo gasto na consulta. Outra tecnologia utilizada é um aparelho da Seiko, *Quickdictionary*, com a forma de uma caneta larga, é capaz de traduzir do espanhol e do francês para o inglês e vice-versa, passando apenas a ponta da caneta sobre a palavra a ser traduzida, a qual aparece num visor líquido no aparelho.

Os avanços são enormes, mas ainda oferecem problemas a serem resolvidos, principalmente em relação às expressões idiomáticas, às palavras de duplo sentido, às gírias, e das flexões dos verbos, entre outros.

3 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Para a elaboração da trajetória metodológica, realizou-se um planejamento da pesquisa que consiste numa série de condições e operações para encontrar soluções prognosticadas às diversas etapas e exigências que impõe a própria pesquisa. Nesta seção serão descritas as principais etapas com seus respectivos detalhamentos. Cada etapa foi executada seqüencialmente, evidenciando o caráter construtivo da pesquisa. As etapas foram ordenadas e relatadas de forma a representar a evolução dos trabalhos executados anteriormente, norteando os passos seguintes, até o produto final deste estudo.

3.1 ANÁLISE

Esta etapa inicial foi de extrema importância, devido à necessidade de verificar os trabalhos realizados anteriormente sobre o mesmo foco de pesquisa, assim foram analisados três trabalhos acadêmicos.

O primeiro foi o trabalho de conclusão da disciplina Metodologia da Pesquisa em Biblioteconomia II, realizada pelo discente Douglas Alex Jankoski e orientado pela Prof^ª. Leilah Santiago Bufrem, em 1997. seu propósito foi proporcionar aos usuários informações necessárias para a compreensão dos termos relacionados da área. Como metodologia de trabalho, no primeiro momento, foram selecionados termos usados nessa área, por meio da coleta em obras sobre Metodologia da Pesquisa, indicadas pelos professores do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná obtendo um total de dezenove obras apontadas, sendo utilizadas as nove mais citadas, além de outras, a critério da orientadora. Após o levantamento das informações e seleção das fontes, foram definidos 157 termos com suas respectivas definições. Expõe de forma concisa as fases da história da Terminologia, mostrando sua evolução e características, assim

como a fundamentação teórica sobre questões relacionadas a esse campo e aos aspectos metodológicos que nortearam a produção do glossário. Após refletir sobre os procedimentos metodológicos, suas peculiaridades e as dificuldades encontradas na elaboração do produto e como resultado foi apresentado o glossário de termos relacionados à Metodologia da Pesquisa em Informação.

O relatório final da bolsa de Iniciação Científica de Pesquisa em Informação do PIBIC/CNPq e UFPR/Tesouro Nacional concedido para Sandro Fecchio e orientado pelas professoras Dr.^a Leilah Santiago Bufrem e Sônia Maria Breda, o segundo analisado, demonstrou um levantamento detalhado, dessa vez ampliando-se a busca na literatura pertinente à área, especificamente em metodologia da Pesquisa, utilizando-se de três bases de dados internacionais: *Current Awareness Abstracts* (CAA); *Information Science Abstracts* (ISA) e *Library Information Science Abstracts* (LISA). Como resultado, foi apresentado um protótipo de dicionário, com a utilização dos termos do glossário de Jankoski incorporando e analisando as informações nele contidas, assim como, ilustrando com exemplos de estudos anteriores. A esse protótipo, foram acrescentados os termos definidos no glossário, totalizando uma coletânea de 189 termos relacionados às opções metodológicas em pesquisa em informação. A concretização do uso dos termos analisados acrescentados do significado e de aplicações de cada um dos termos, assim como dos textos, quando aplicáveis, com suas referências bibliográficas, créditos de autoria e resumos traduzidos para a língua portuguesa.

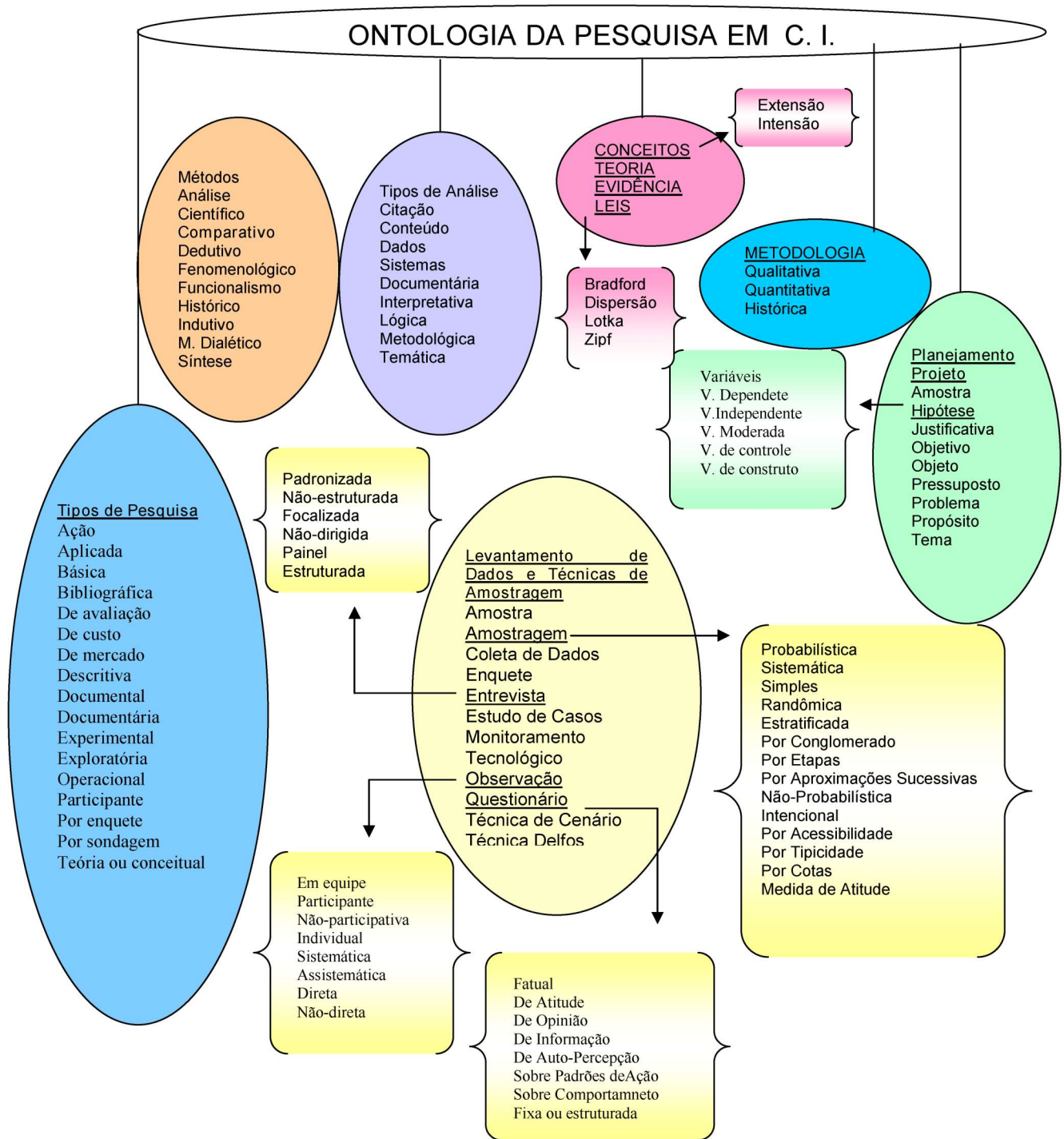
E finalmente foi analisado o vocabulário controlado organizado pela aluna Yara Prates, como trabalho de Estágio Supervisionado, pelo qual foram oferecidos subsídios à consulta e análise dos termos indexados em uma Base de Dados de artigos científicos denominada PERIO, estruturada em WinIsis como parte de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica, cujo objetivo é analisar a literatura pertinente em Biblioteconomia, Ciência e Gestão da Informação com enfoques relativos à análise temática e metodológica da área. Com essa análise atingiu-se o

primeiro objetivo proposto.

3.2 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA E DOS TERMOS

Nesta etapa foram atingidos os objetivos 2 e 3, após a análise detalhada dos trabalhos dos colegas já citados, para entendimento e preparação das etapas seguintes. Realizou-se um estudo ontológico, com base no mapeamento realizado anteriormente por Jankoski o qual, comparado com o vocabulário controlado desenvolvido por Prates, resultou na ampliação do universo terminológico, a partir do qual se partiu para as definições dos novos termos da área através de discussões com as orientadoras apresentado a seguir na próxima figura.

Esta ontologia serviu como um parâmetro na busca de termos e suas definições. A partir dela novos termos foram surgindo com a conseqüente ampliação da terminologia, embora nem todos tenham sido definidos.



3.3 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO E DOCUMENTAL

Todas as áreas de pesquisa, independentemente da sua classificação, sejam com bases em seus objetivos, procedimentos técnicos ou fontes de informação, supõem e exigem uma pesquisa bibliográfica prévia. A pesquisa bibliográfica visa um levantamento sobre o tema estudado, sendo subsídio para a redação do projeto, levando ao aprendizado de determinada área. Assim, o levantamento, atendendo aos objetivos 3 e 4, com o proposto tanto de construção do referencial teórico como da construção do produto proposto, através das buscas de definições de termos já existentes e de novos estabelecidos no estudo da etapa anterior, procurando mostrar definições mais completas e recentes, procurou identificar na literatura recente exemplos que ilustrassem modalidades de pesquisa, assim como sua tipologia, métodos, técnicas e instrumentos;

3.4 CONSTRUÇÃO DO DICIONÁRIO

Visando atingir os objetivos 5 e 6 procedeu-se à construção do dicionário, atendendo-se a aspectos de conteúdo e formais. Quanto a sua forma de apresentação ao usuário, foram analisados dicionários especializados para usar como modelo, chegando-se a um protótipo considerado conveniente e em razão das características analisadas.

Para sua organização estrutural seguiu-se o conjunto de previsões já citadas por Vega, cujos elementos incluem uma introdução indicando os critérios de elaboração, o conteúdo selecionado, a organização do dicionário e as normas de uso que o usuário deve seguir para facilitar o acesso à informação; a lista de abreviaturas, caso seja necessário, facilitando assim o usuário no entendimento dos significados; o corpo textual consta os termos ordenados com seus respectivos significados, a ordem das palavras é alfabética. E no final do produto um índice para facilitar a visualização

dos termos.

O produto criado será disponível de forma impressa, e on-line. No dicionário on-line não serão disponibilizados os exemplos relativos aos tipos de estudo e conceitos apresentados. Quanto à forma impressa (volume 2), nem todos os termos são acompanhados de exemplos. Foram selecionados somente os tipos de estudos ilustrados na literatura.

Para a distribuição espacial e a composição gráfica dos termos utilizou-se a fonte *Tahoma*, com tamanho 10 (negrito), 10 e 8 para o termo, a definição e a referência, respectivamente, com destaque em quadrante para o termo e definição. A fonte usada para o Exemplo foi a mesma e o tamanho da letra foi 10. É disponibilizado em papel tamanho A5(14,8 x 21cm), com essa metragem e formato facilita o manuseio pelo usuário, com 100 páginas e 238 verbetes.

Os verbetes apresentam-se como nos exemplos relatados abaixo.

AMOSTRA

É um subconjunto do universo ou população, a partir do qual os dados são recolhidos e por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população. O pesquisador deve escolher uma amostra representativa na impossibilidade de estudar todo o universo, população ou corpus, seja uma unidade, um sistema, um grupo social, ou qualquer conjunção que possua.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1987, p. 92.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 168.

ANÁLISE DO DISCURSO

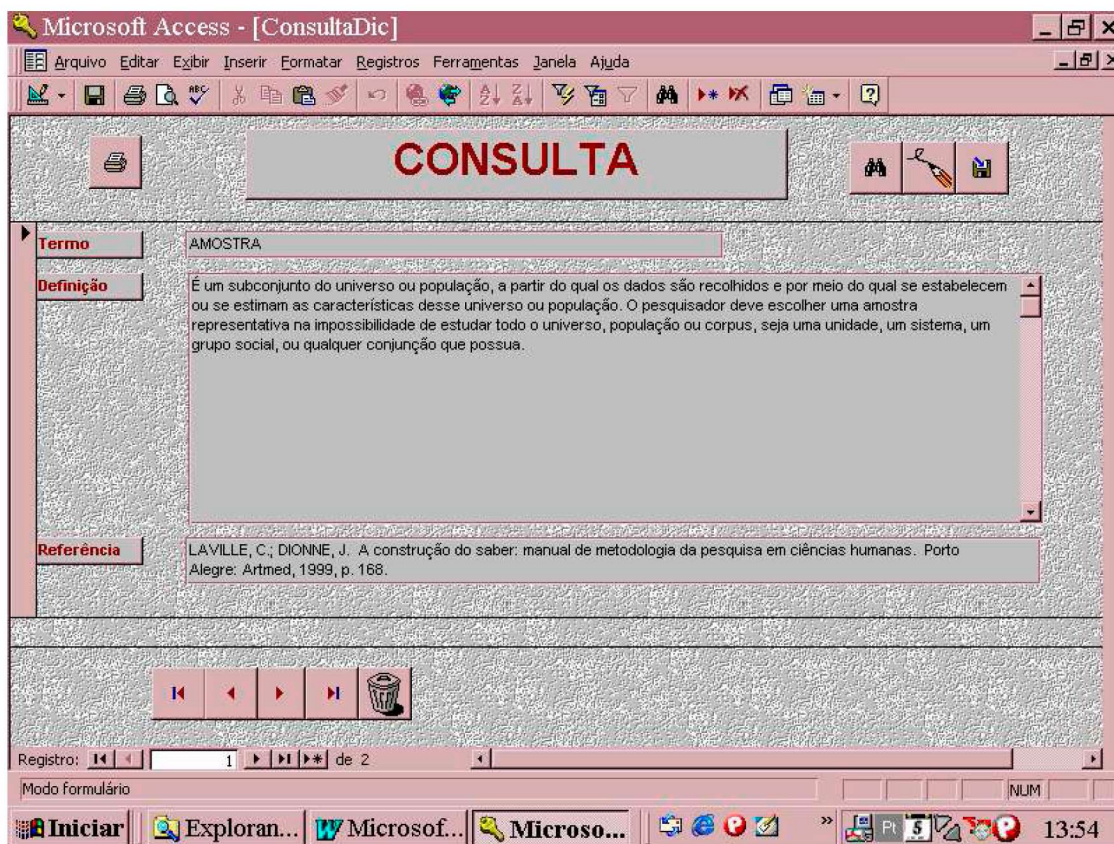
Propõe-se realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente lingüístico nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia. Opera com o conceito de ideologia que envolve o princípio da contradição que está na base das relações de grupos sociais. Ela apresenta-se dividida entre uma função crítica e uma função instrumental, como uma disciplina inacabada, em constante evolução, problematizante, em que o lingüístico é o lugar, o espaço, o território que dá materialidade, espessura a idéias, conteúdos, temáticas de que o homem se faz sujeito, não abstrato, mas concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1995, p. 83.

Exemplo: VALIO, E. B. M.; OLIVEIRA, V. de F. F. de. Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 114-133, jul./dez. 2003.

Resumo: O objetivo da investigação foi conhecer o escopo da ciência da informação em uma perspectiva pós estruturista de Foucault. Buscou-se analisar as formações discursivas presentes nas produções científicas da ciência da informação, descrever os discursos sobre a terminologia. Como se deu o processo de formação da disciplina? Como se vem processando a construção da terminologia da ciência da informação? A análise do discurso foi escolhida como método de estudo, tendo como meta afastar-se das metodologias tradicionais.

A versão eletrônica foi criada em MS Access 98, tem o formato descrito abaixo e o sistema permite inclusão, exclusão e consulta dos termos, apresentando definição e referência.



3.5 FINALIZAÇÃO DA PESQUISA

Após a construção do dicionário, foi alcançado o último objetivo proposto, incluindo-se sua revisão e normalização, juntamente com as revisões das orientadoras. Discutiu-se a possibilidade de continuidade do projeto e sua disponibilização em meio eletrônico podendo ser disponibilizado no site do DeCiGI após aprovação. E finalizando com as considerações finais.

Na literatura analisada, não houve registro de ensaios na construção de um Dicionário de Metodologia da Pesquisa em Ciência da Informação, mas as obras

relatam atividades de pesquisa com definições atualizadas e inovadoras. Algumas das obras possuem, em anexo, um glossário, facilitando o trabalho na definição dos termos para a construção de um dicionário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E POSSIBILIDADE DE CONTINUIDADE DE TRABALHO

A elaboração deste dicionário constituiu-se num primeiro momento na tentativa de exemplificar os conceitos já pesquisados. Num segundo momento, foram analisados novos termos, buscando sempre os mais atuais.

A dificuldade encontrada quanto à definição de um termo por vários autores deve-se ao fato de a terminologia ser ainda uma área recente no **Brasil**, do que resulta a repetição de um mesmo termo em mais de uma obra, permanecendo idêntico ou sofrendo pequenas variações que nem sempre comprometem o conceito.

Nesse sentido, a produção ora apresentada, se por um lado visou contribuir para a constituição teórica de uma área em desenvolvimento, sistematizando conceitos inter-relacionados, por outro lado, resultou num exercício metodológico, cujos resultados poderão servir para futuros trabalhos do gênero, se não como um paradigma a ser seguido, pelo menos como uma descrição do que se pode realizar em tempo exíguo e sem condições ideais para sua realização material.

A construção deste Dicionário, estruturado com a intenção de melhoria e agregação de novos termos aos esforços acadêmicos anteriores, significa um meio ao alcance dos profissionais, professores, alunos e pesquisadores, em direção ao conhecimento e desenvolvimento do saber. O potencial deste tipo de atividade poderá resultar em novos projetos ou propostas de melhoramento.

Uma das vantagens de um Dicionário é o fato de, após ser editado, poder ser utilizado por qualquer indivíduo que venha a ter interesse, devido à facilidade de uso e manuseio.

É um trabalho que poderá ter continuidade, pois a área estudada está em franca expansão. Além disso, um dicionário nunca deverá ter solução de continuidade dada a possibilidade de crescimento de campos do conhecimento significativos e a conseqüente proliferação de termos a eles relacionados. Poderá haver um acréscimo

de conceitos que almejem o conhecimento à situação atual das atividades acadêmicas e de pesquisa. A definição de conceitos inovadores que levem a outros autores visando a melhoria da aprendizagem dos usuários é uma necessidade premente, potencializando a importância da disciplina para uso num futuro próximo.

Este trabalho pretende contribuir para oferecer definições já existentes e comitentes utilizadas pela maioria da sociedade científica. Também visou promover a interação e a inserção de novos termos utilizados pela meio científico, definindo-os e exemplificando-os através da literatura de Ciência da Informação, independentemente da denominação que recebam. Visando apoiar pesquisadores no auxílio de novas pesquisas e também proporcionar um conhecimento maior da aplicação de instrumentos metodológicos na mensuração da pesquisa em informação.

REFERÊNCIAS

OBRAS CITADAS

BACHELARD, G. **Le rationalisme appliqué**. Paris: Press univertitaires de France, 1949.

BENEYTO, J. V. (Org.) *Las industrias de la lengua*. Madrid: Pirâmide, 1991.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BORST, W. N. Construction of engineering ontologies. **Thesis**. Disponível em: <http://www.ik.fhannover.de/ik/proiehte/Dagstuhl/Abstrat/Abstracts/Bateman/Bateman.html>. Acesso em: 04 mar. 2004.

BUFREM, L. S. **Linhas e tendências metodológicas na produção acadêmica discente do mestrado em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro (1972-1995)**. Curitiba, 1996. Tese para Concurso de Professor Titular (Métodos e Técnicas da Pesquisa) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

BUFREM, L. S. **Pesquisa em informação: reflexões sobre o método**. Curitiba: LUD, 2000.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Empúries, 1993.

CAMPELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CAMPELLO, B., CALDEIRA, P.T., MACEDO, V. A. A. **Formas de conhecimento: introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1998.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

CUNHA, M. B. da. Metodologias para estudo dos usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 10, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1982.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 2000.

GATES, J. K. **Como usar livros e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Lidador, 1972.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1995.

- GRUBER, T. **What is an ontology?** Disponível em: <http://www-kksl.stanford.edu/kst/what-is-an-Ontology.html>. Acesso em 04 mar. 2004.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação: um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990.
- PASQUARELLI, M. L. ; TÁLAMO, M. de F. G. M. Sobre a questão da designação terminológica da disciplina orientação bibliográfica. **Ci. Inf.** Brasília, v.24, n.2, maio/ago. 1995.
- POWELL, R. Recent trends in research: a methodological essay. **Library & Information Science Research**, London, v. 21, n. 1, p. 91-119, mar. 1999.
- PRIBERAM. **Dicionário on-line de língua portuguesa**. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>. Acesso em: 27 jan. 2004.
- SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A., 2001.
- SCHWARTZMAN, S. **Administração da atividade científica**. Brasília: FINEP/CNPq, 1981.
- SOWA, J. F. **IKARUS: Intelligent knowledge acquisition and retrieval universal system**. Disponível em: <http://www.csi.uottawa.ca/~kavanagh/ikarus/ikarus4.html>. Acesso em 04 mar. 2004.
- VALIO, E. B. M.; OLIVEIRA, V. de F. F. de. Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 114-133, jul./dez. 2003.
- VEGA, A. M. **Fuentes de información general**. Ediciones Trea, S.L. 1995.

DOCUMENTOS CONSULTADOS

- AMORIM, M. J. T. de. **Introdução à metodologia da pesquisa**. Curitiba: Departamento de Biblioteconomia, 1972.
- ANDER EGG, E. **Técnicas de investigación social**. Buenos Aires: El Cid, 1978.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 1993.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

- BEUREN, I. M. **Gerenciamento da informação**: um recurso estratégico no processo de gestão empresarial. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- BREDA, S. M. **Em busca do manifesto discente**: um estudo no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- CASSARO, A. C. **Sistemas de informações para tomada de decisões**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.
- CURRÁS, E. **Tesauros, linguagens terminológicas**. Brasília: IBICT, 1995.
- FECCHIO, S. **Relatório de pesquisa em informação**. Curitiba, 2002. 20 f. Relatório final do programa de bolsas de Iniciação Científica apresentado ao PIBIC/CNPq e UFPR/Tesouro Nacional, do Curso de Gestão da Informação, Setor de Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.
- JANKOSKI, D.A. **Glossário de termos relacionados à pesquisa em Biblioteconomia**. Curitiba, 1997, 61 f. Monografia (Conclusão de curso) – Setor de Ciências Humanas Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná.
- LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- MARCONI, M. de A., LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- PRATES, Y.. **Vocabulário controlado**: UFPR: Curitiba, 2002. Projeto apresentado à Disciplina de Estágio Supervisionado, do Curso de Gestão da Informação, Setor Sociais Aplicadas, UFPR.
- TERRA, J. C. C. **Gestão do conhecimento**: o grande desafio empresarial. São Paulo: Negócio Editora, 2000.
- VARGAS, M. **Metodologia da pesquisa tecnológica**. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

VANESSA BORGES DE MATOS

**DICIONÁRIO DE METODOLOGIA DA
PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Orientadora: Profa. Leilah Santiago Bufrem.

Co-orientadora: Profa. Sônia Maria Breda.

CURITIBA

2004

INTRODUÇÃO

Tal como os físicos, os biólogos, os músicos ou os economistas, os pesquisadores inventam e utilizam muitas vezes termos que não são usados na linguagem comum. Outras vezes também utilizam termos comuns, mas com um significado diferente do habitual. Isso explica muitas das dificuldades que os estudantes encontram no seu caminho. Mas a consulta de um bom dicionário pode contribuir decisivamente para o sucesso de um trabalho intelectual. O dicionário é, pois, uma espécie de alicerce ao pesquisador: sempre à mão para desfazer confusões, esclarecer dúvidas e dar rigor àquilo que se afirma. O presente dicionário procura ser um instrumento para ajudar os estudantes, profissionais e pesquisadores a pensar filosoficamente, mas também para lhes facultar de forma breve, acessível e rigorosa, informação importante sobre a enorme variedade de noções, problemas, teorias e nomes que fazem da pesquisa um universo vasto e fascinante. Até aqui tem-se falado dos estudantes, profissionais e pesquisadores e não dos leitores em geral. Não é por acaso, dado que não se trata simplesmente de um dicionário de metodologia, mas de um dicionário *Metodologia da pesquisa em Ciência da Informação*. E isso faz uma grande diferença; a diferença que nos permite dizer que este não é apenas mais um dicionário. É um dicionário concebido e estruturado tendo prioritariamente em conta as características e necessidades concretas dos interessados, os quais raramente encontram à sua disposição o apoio que realmente precisam e procuram. Concretizando melhor, o que acaba de ser dito, traduz-se no seguinte:

1. são mais de duzentos verbetes, cada verbete acompanha a sua definição e sua referência, procurando alertar o pesquisador sobre a obra em que a definição foi retirada, assim como, ele possa buscar melhor detalhamento no mesmo;
2. alguns verbetes permitem a sua aplicabilidade na literatura, devido a isso, muitos foram incluído um exemplo da literatura recente, colocando sua referência e resumo do artigo;
3. na distribuição espacial e composição gráfica buscou-se apresentar uma forma agradável de manuseio e leitura;
4. o dicionário possui um índice para melhor visualização dos termos ao final e uma lista das referências utilizadas no dicionário.

Além de poder ser consultado com proveito por qualquer pessoa interessada em metodologia. É importante referir que, apesar de todos os verbetes serem referenciados por autores conhecidos na área, todos foram amplamente discutidas e revistas pela Dra Leilah Santiago Bufrem, professora titular do curso de Bacharelado em Gestão da Informação, Sonia Maria Breda, professora assistente do curso de Bacharelado em Gestão da Informação e a aluna Vanessa Borges de Matos do curso de Bacharelado em Gestão da Informação, que organizou esta obra como trabalho de conclusão do curso. Este trabalho teve também como colaboradores alunos e professores do curso de Gestão da Informação da Universidade Federal do Paraná. Pode, por isso, dizer-se que este dicionário é fruto de um verdadeiro trabalho de equipe, levado a cabo no âmbito das atividades de pesquisa nesta universidade.

AMOSTRA

É um subconjunto do universo ou população, a partir do qual os dados são recolhidos e por meio do qual se estabelecem ou se estimam as características desse universo ou população. O pesquisador deve escolher uma amostra representativa na impossibilidade de estudar todo o universo, população ou corpus, seja uma unidade, um sistema, um grupo social, ou qualquer conjunção que possua.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 168.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1987, p. 92.

AMOSTRAGEM

É o conjunto de técnicas estatísticas que possibilita, a partir do conhecimento de uma parte denominada amostra, obter informações sobre o todo. As possibilidades técnicas de definição da amostra determinam dois tipos de amostragem: a probabilística e a não-probabilística.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 54.

AMOSTRAGEM ALEATÓRIA

Ver AMOSTRAGEM PROBABILÍSTICA

AMOSTRAGEM AO ACASO

Ver AMOSTRAGEM PROBABILÍSTICA

AMOSTRAGEM ESTRATIFICADA

Tipo de amostragem probabilística, cujos elementos podem ser escolhidos ao acaso no interior de estratos ou de subgrupos, definidos por uma característica específica, como sexo, idade ou classe social. Assim reagrupam-se os indivíduos em alguns estratos para selecionar-se em seguida um certo número deles.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1987, p. 95.

AMOSTRAGEM INTENCIONAL

É o tipo mais comum de amostragem não-probabilística, em que o pesquisador está interessado na opinião de determinados elementos da população, mas não representativos da mesma. O pesquisador dirige-se, portanto, apenas a um conjunto especial de seu interesse, seja pela função desempenhada, cargo ocupado ou prestígio social, por exemplo.

MARCONI, M. de A., LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 47

AMOSTRAGEM NÃO-PROBABILÍSTICA

É o processo de definição de amostra cuja seleção dos indivíduos ou elementos realiza-se a partir dos critérios fixados pelo pesquisador, que não faz uso de formas aleatórias, tornando-se impossível à aplicação de fórmulas estatísticas para o cálculo ou de certos tipos de tratamento estatístico. É empregada por razões de economia e de facilidade, em estudos exploratórios ou para investigações com testemunhos privilegiados.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 47

AMOSTRAGEM POR ACESSIBILIDADE

Tipo de amostragem não-probabilística, que se constitui no menos rigoroso de todos os tipos de amostragem. Por isso mesmo é destituído de qualquer rigor estatístico. O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 97.

AMOSTRAGEM POR APROXIMAÇÕES SUCESSIVAS

Tipo de amostragem probabilística, por agrupamento, em que se chega ao conjunto final de elementos a serem incluídos na amostra realizando-se amostragem, primeiramente, de agrupamentos maiores. Esses agrupamentos maiores são selecionados por métodos simples ou estratificados e, se nem todos os elementos destes agrupamentos forem incluídos na amostra, a seleção final dentro destes agrupamentos também é efetuada através de amostragem casual simples ou estratificada.

SELLTIZ, C.; WEIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 4. ed. São Paulo: EPU, 1987, p. 97.

AMOSTRAGEM POR CONGLOMERADO

Tipo de amostra probabilística, utilizada em situações em que é bastante difícil a identificação de seus elementos ou quando há uma grande dispersão geográfica. Divide-se a população em um número elevado de grupos, chamados conglomerados, cuja composição deve ser tão heterogênea quanto possível. Em seguida, seleciona-se um certo número de conglomerados entre os quais proceder-se-á a amostragem de maneira aleatória. Evita-se, assim, a necessidade de obter listas completas e os custos da pesquisa são grandemente reduzidos.

BRUYNE, P. de et al. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991, p. 217.

AMOSTRAGEM POR ETAPAS

Tipo de amostragem probabilística, utilizada quando a população se compõe de unidades distribuídas em diversos estágios. É muito útil quando se precisa pesquisar uma população cujos elementos encontram-se dispersos em uma grande área geográfica, entretanto, sua adoção implica a pressuposição da homogeneidade das unidades.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 97.

AMOSTRAGEM POR "JURIS

Tipo de amostragem não-probabilística, utilizada quando se necessita obter informações detalhadas sobre questões particulares em prazo curto de tempo. Geralmente esta técnica é empregada em órgãos oficiais.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 49.

AMOSTRAGEM POR COTAS

Tipo de amostragem não-probabilística, que classifica a população mediante funções de características particulares, de modo a formar subgrupos refletindo a composição da população, assim determina a percentagem da amostra a recolher de cada classe.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 49.

AMOSTRAGEM POR TIPICIDADE

Tipo de amostragem não-probabilística, que consiste na seleção de um subgrupo da população considerado representativo pelo pesquisador, com base no conhecimento do que considera "típico" em relação à população como um todo.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 48.

AMOSTRAGEM PROBABILÍSTICA (PROBABILISTA)

Tipo de amostragem submetida a tratamento estatístico, que permite avaliar e compensar erros amostrais e outros aspectos relevantes para a representatividade e significância da amostra. Nesse processo, cada indivíduo tem a mesma probabilidade de ser selecionado o que permite ao pesquisador avaliar o caráter generalizável dos resultados obtidos. Na prática, a seleção é feita a partir de uma tabela com números aleatórios e supõe uma lista completa e correta de todos os indivíduos que fazem parte da população.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 93.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: Manual de metodologia da

pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 331.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 37-38.

AMOSTRAGEM RANDÔMICA

Tipo de amostragem probabilística, em que cada elemento tem uma chance de inclusão, na amostra, igual à de qualquer outro elemento.

RUMMEL, J. F. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação**. Porto Alegre: Globo, 1974. p. 67.

AMOSTRAGEM SIMPLES

Tipo de amostragem probabilística, em que a escolha de um indivíduo entre uma população é ao acaso (aleatória), podendo cada membro da população ter a mesma probabilidade de ser escolhido.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 38.

AMOSTRAGEM SISTEMÁTICA

Tipo de amostra probabilística, empregada quando a lista da população é longa e o conjunto selecionado resulta da divisão do número total de elementos da população ou universo pelo número da amostra, estabelecendo-se assim a relação intervalar para identificação de cada membro pela posição que ocupa.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 39.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994, p. 149.

ANÁLISE

Em geral é a descrição ou a interpretação de uma situação ou de um objeto qualquer nos termos dos elementos mais simples pertencentes à situação ou objeto em questão. A análise é um processo de tratamento do objeto, seja ele um objeto material, um conceito, uma idéia, ou um texto. Na terminologia filosófica, o método da *dissecação* mental de um todo (real ou conceitual) em seus conteúdos parciais; assim, os conteúdos parciais de início conhecidos apenas de *maneira implícita*, ou seja, em seu complexo global, são isolados em seus componentes particulares e, por essa forma, conhecidos de maneira explícita.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970, p. 48.

BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Herder, 1969, p. 49.

Exemplo: OHIRA, M. L. B.; PRADO, N., S. Bibliotecas virtuais e digitais: análise de artigos de periódicos brasileiros (1995/2000). **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 61-74, jan./abr. 2002.

Resumo: A evolução da temática biblioteca virtual e biblioteca digital como assunto de artigos de periódicos brasileiros publicados de 1995 a 2000 é o objeto deste trabalho. Analisa 33 artigos apresentando os aspectos metodológicos adotados para o planejamento e criação de bibliotecas virtuais e digitais, o desenvolvimento de coleções diante dessa nova realidade, o impacto causado nas unidades de informação e nos profissionais da informação, as estatísticas das bibliotecas na internet e programas institucionais, além da produção bibliográfica sobre bibliotecas virtuais e digitais. Avalia a produção no período, a produtividade dos autores e tipo de autoria, número de

referências bibliográficas por artigo, tipo de documento e o idioma dos documentos citados. Aponta, como resultados, que não há convergência sobre o conceito de biblioteca eletrônica, polimídia, digital e virtual e, para a preocupação dos autores, centrados nos aspectos metodológicos visando à implantação de bibliotecas digitais e virtuais.

ANÁLISE DE CITAÇÃO.

Estudo que permite conhecer os hábitos de informação científica de determinado conjunto de usuários e mais concretamente de cientistas e tecnólogos, com base nos comportamentos que apresentam ao apoiar-se para seus trabalhos em outros trabalhos prévios, citando-os em suas bibliografias. Para cumprir as fases dessa técnica, é necessário que os trabalhos dados a conhecer sejam fontes formais de informação, de um modo geral publicações periódicas e preferencialmente indexadas em bases de dados do *Institute for Scientific Information*.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruiopérez, 1994, p. 102.

Exemplo: MOSTAFA, S., P. Catálogos, dispositivo de interpelação? *Perspect. Cien. Inf.*, v. 8, n. 2, p. 180-187, jul./dez., 2003.

Resumo: Discussão comparativa das três correntes epistemológicas presentes na área de inter-relação entre a comunicação e a educação: o humanismo, o criticismo e o pós-estruturalismo. Apresenta o olhar pós-estruturalista em direção aos catálogos, os resumos, os indicadores e as listas de citação, indagando se são dispositivos de interpelação. Se tal, que implicações seriam cabíveis?

ANÁLISE DE CONTEÚDO

É um conjunto de técnicas de análise das comunicações que, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, procura obter indicadores quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens. É essencialmente uma análise sistemática, objetiva, quantitativa de ocorrência de palavras, frases, conceitos etc. em livros, filmes ou outros tipos de materiais. Pode ser

usada, por exemplo, para determinar com quanta frequência determinados assuntos aparecem na comunicação científica.

BUSHA, C. H.; HARTE, S. P. **Research methods in librarianship: techniques and interpretation.** New York: Academic Press, 1980, p. 171.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians.** 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 175.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1996, p. 160.

Exemplo: RUBI, M. P.; FUJITA, M. S. L. Elementos de política de indexação em manuais de indexação de sistemas especializados. **Perspect. Cienc. Inf.,** Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 66-77, jan./jun.2003.

Resumo: A política de indexação em sistema de informação é imprescindível porque condiciona os resultados da estratégia de busca. Objetiva identificar elementos de política de indexação analisando os manuais dos centros de informação. Conclui que dois elementos são imprescindíveis: exaustividade e especificidade, pois estão vinculados à leitura documentária e à política de indexação adotada no sistema.

ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados em pesquisa considera e descreve as características das informações obtidas, as relações entre elas e os objetivos da pesquisa, assim como as regularidades observadas a partir das variáveis ou as relações estatísticas de coerência dos dados coletados.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 204.

ANÁLISE DE REFERÊNCIA

É o procedimento que permite conhecer o uso e as necessidades da informação em determinados grupos científicos e consiste em analisar a bibliografia por eles referenciados em publicações, identificando necessidades de informação transformadas em demanda e introduzindo novas linhas do conhecimento na investigação científica.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios.** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994, p. 105.

ANÁLISE DE SISTEMAS

Técnica analítica de gerenciamento, conceitualmente similar à pesquisa operacional, mas que tende a conceder mais ênfase na consideração do sistema como um todo e em como interagem os vários componentes do sistema. Tem sido aplicada em tipos de pesquisa aplicada como a comparativa, operacional e a de avaliação.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 175.

Exemplo: RUBI, M. P.; FUJITA, M. S. L. Elementos de política de indexação em manuais de indexação de sistemas especializados. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 1, p. 66-77, jan./jun.2003.

Resumo: A política de indexação em sistema de informação é imprescindível porque condiciona os resultados da estratégia de busca. Objetiva identificar elementos de política de indexação analisando os manuais dos centros de informação. Conclui que dois elementos são imprescindíveis: exaustividade e especificidade, pois estão vinculados à leitura documentária e à política de indexação adotada no sistema.

ANÁLISE DO DISCURSO

Propõe-se realizar leituras críticas e reflexivas que não reduzam o discurso a análises de aspectos puramente linguístico nem o dissolvam num trabalho histórico sobre a ideologia. Opera com o conceito de ideologia que envolve o princípio da contradição que está na base das relações de grupos sociais. Ela apresenta-se dividida entre uma função crítica e uma função instrumental, como uma disciplina inacabada, em constante evolução, problematizante, em que o linguístico é o lugar, o espaço, o território que dá materialidade, espessura a idéias, conteúdos, temáticas de que o homem se faz sujeito, não abstrato, mas concreto, histórico, portador de um amplo discurso social.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1995, p. 83.

Exemplo: VALIO, E. B. M.; OLIVEIRA, V. de F. F. de. Terminologia da ciência da informação: abordagem da análise do discurso. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 114-133, jul./dez. 2003.

Resumo: O objetivo da investigação foi conhecer o escopo da ciência da informação em uma perspectiva pós estruturalista de Foucault. Buscou-se analisar as formações discursivas presentes nas produções científicas da ciência da informação, descrever os discursos sobre a terminologia. Como se deu o processo de formação da disciplina? Como se vem processando a construção da terminologia da ciência da informação? A análise do discurso foi escolhida como método de estudo, tendo como meta afastar-se das metodologias tradicionais.

ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

Conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo dos documentos científicos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação.

CUNHA, I. M. R. F. **Análise documentária:** considerações teóricas e experimentações. São Paulo: FEBAB, 1989. p. 17.

ANÁLISE INTERPRETATIVA

É a abordagem do texto com vistas à sua interpretação, mediante a situação das idéias do autor.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 22ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 56.

ANÁLISE LÓGICA

É uma análise das relações entre proposições, consistindo em trabalho de observação do seu encadeamento lógico.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1991, p. 175.

ANÁLISE TEMÁTICA

Implica na compreensão textual, por meio da qual poderão ser determinados o tema, o problema, a idéia central e as idéias secundárias da unidade, refazendo-se a linha de raciocínio do autor, ou seja, reconstruindo-se o processo lógico do pensamento. Enfim, evidencia-se a estrutura lógica do texto, esquematizando-se a seqüência das idéias. No caso das entrevistas, a análise é transversal, pois recorta o conjunto por meio de uma grelha de categorias projetada sobre os conteúdos.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Parte principal do corpo do relatório da pesquisa, destinada a apresentar e descrever o desenvolvimento do trabalho e os resultados obtidos com a aplicação da(s) técnica(s) de pesquisa escolhida(s). Os resultados de uma pesquisa devem ser apresentados de tal forma que o leitor esteja em condição de fazer a ligação com a teoria que serviu ao desenvolvimento do modelo de pesquisa e das hipóteses. A apresentação dos resultados subsidia a confirmação ou a negativa da teoria (ou da hipótese) inicial podendo, ou não, explicar as conseqüências dos resultados sobre a área de pesquisa objeto de estudo.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 202.

BIBLIOGRAFIA

Constitui-se numa precisa fonte de informações, com dados já organizados e analisados. A pesquisa com base em uma bibliografia deve encabeçar qualquer processo de busca científica que se inicie. As buscas resultam em dados que se captam no campo e no laboratório, por quaisquer dos procedimentos metodológicos, são sempre matéria-prima para raciocínios e conclusões a respeito dos fatos/fenômenos.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 31.

BIOGRAFIA INSTITUCIONAL

É uma técnica utilizada em pesquisa histórica, é levantamento da gênese histórica de uma organização: sua vida, seu processo de maturação, crescimento e cultura.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 83.

BIBLIOMETRIA

Foi Paul Otlet o pioneiro a empregar o termo *bibliométrie*, no ano de 1934, em seu **Traité de documentation**, para significar a parte definida da Bibliografia que se ocupa *da medida ou da quantidade aplicada ao livro, a Aritmética ou matemática bibliológica*. O autor

sugere, então, que as ciências do livro também deveriam introduzir a medida em suas investigações, em razão do que argumentava: *na medida em que o livro é objeto de Psicologia, de Sociologia e de Tecnologia, seus fenômenos são suscetíveis de mensuração*. O campo novo iniciou então uma trajetória de grande importância científica. Em 1922, E. Wyndham Hulme usava o termo *bibliografia estatística* em suas preleções na Universidade de Cambridge para designar o processo de esclarecer a história da ciência e da tecnologia pela consideração dos documentos. Em anos ulteriores, Pritchard utiliza a palavra *bibliometria* a fim de descrever a análise quantitativa de citações. Como forma de investigação, a bibliometria facilita o esclarecimento dos padrões de informação registrada, o estudo da natureza e da evolução de disciplinas pela contagem e análise de citações, a reunião e interpretação de dados estatísticos relativos a documentos e autores para demonstrar a evolução histórica de determinadas áreas do conhecimento, de frentes de pesquisa, assim como o mapeamento de comportamentos ou variáveis, por meio de análises quantitativas. A abordagem quantitativa do livro é possível de três maneiras: ao enfrentar-se o livro como um suporte material, que remete a um estudo puramente econômico; como um conjunto de signos que dependem da estatística lingüística; ou como uma série de classificação de obras que dependem da bibliografia.

FERRANTE, B. K. Bibliometrics: access in library literature. **Collection management**, v.2, Fall, 1978, p. 199-204.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 86.

Exemplo: MOYA-ANEGÓN, F.; HERRERO-SOLANA, V. Visibilidad internacional de la producción científica iberoamericana en biblioteconomía y documentación (1991-2000). **Ci. Inf.**, v. 31, n. 3, p. 54-65, set./dez. 2002.

Resumo traduzido: Analisa a produção iberoamericana em biblioteconomia e documentação existente na Social Science Citation Index no período de 1991-2000. Analisa a produção por países, instituições, revistas e autores. Por último realiza uma análise de co-citação de revistas e representa-se mediante um mapa bidimensional.

CIBEMETRIA

Termo utilizado para designar o estudo quantitativo relacionado aos fenômenos resultantes da comunicação por redes de computador. O termo *cybermetrics* surgiu com o lançamento oficial da revista apresentada oficialmente durante a VI Conferência Internacional de Cienciometria e Informetria, em Jerusalém, no ano de 1997. Esta revista, acessível somente em formato eletrônico (<http://www.cindoc.csic.es/cybermetrics>).

BUFREM, L. S. **Aspectos qualitativos e quantitativos na pesquisa em informação.** In: Evento de Extensão Universitária, 2003. Curitiba: UFPR.

CIENCIOMETRIA

O termo é utilizado para designar a análise quantitativa das atividades de pesquisa e técnicas científicas. A cienciometria deveria estudar tanto os recursos e os resultados como as formas de organização do conhecimento, no entanto se limita exclusivamente à análise dos documentos produzidos pelos pesquisadores e tecnólogos. A origem da disciplina está associada à revista *Scientometrics*, publicada a partir de 1979, assim como ao nome de Derek de Solla Price, mais concretamente em seus livros de 1961 e 1964: *Science since Babylon* y *Little Science, Big Science*, que tem como objeto a evolução dos movimentos da ciência e suas origens, apoiando-se em estudos bibliométricos anteriores.

CALLON, M.; COURTIAL, J. .P.; PENAN, H. **Cienciometría** - El estudio cuantitativo de la actividad científica: de la bibliometría a la vigilancia tecnológica. Gijón: Trea, 1995, p. 9.

Exemplo: ALVARADO, R. U. A lei de Lotka: o modelo lagrangiano de Poisson aplicado à produtividade de autores. **Perspec. Cien. Inf.**, Belo Horizonte, v. 8, N. 2, P. 188-207, jul./dez., 2003.

Resumo: Descreve a natureza da distribuição Lagrangiana de Poisson, conforme desenvolvida por Janardan e Schaeffer. Oferece as equações específicas para o caso de frequência de zero observações presentes na amostra coletada. É pouco comum encontrar-se tal distribuição no campo da bibliometria, assim descreve-se passo a passo a forma de aplicação do modelo, usando-se os dados estudados por Targino & Caldeira sobre a produtividade dos professores da Universidade Federal do Piauí, Brasil.

CIENTOMETRIA

Ver CIENCIOMETRIA

COLETA DE DADOS

Etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos. São vários os procedimentos para a realização da coleta de dados, variando conforme a circunstância ou com o tipo de investigação. A instância técnica de um trabalho de pesquisa compreende os procedimentos de coleta das informações pertinentes à problemática que o motivou. Essa prática exige tempo, trabalho e atenção proporcionais à complexidade com que se tratará o problema, pois pressupõe seleção e conjugação criteriosa de instrumentos e técnicas adequados ao tipo de pesquisa delineado. Mas justifica-se pela necessidade de reunir um conjunto de dados a partir de um setor restrito do mundo real para sua posterior submissão à análise e interpretação. Portanto, após a definição do problema, dos objetivos e da metodologia, o pesquisador deverá recorrer à busca dos dados considerados necessários ao prosseguimento de seu estudo, conforme o fluxograma da pesquisa. Para que o faça com precisão, recomenda-se um planejamento prévio, onde, além de considerar pesquisas correlatas anteriores e sugestões de especialistas, proceda a uma análise do que já detém como conhecimentos prévios, premissas, pressupostos ou mesmo hipóteses a testar. A escolha do uso de métodos científicos para coleta de dados de interesse à resolução de determinado problema corresponde ao planejamento da pesquisa e requer prudência e discernimento.

BUFREM, L. S. **Aspectos qualitativos e quantitativos na pesquisa em informação.** In: Evento de Extensão Universitária, 2003. Curitiba: UFPR.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 30.

COMPREENSÃO

É o segundo estágio do conhecimento, que ocorre quando o indivíduo se apropria da informação. Informação -> Compreensão -> Comprometimento. A melhor maneira de se avaliar a compreensão de uma pessoa sobre as informações que lhe foram prestadas é perguntando: - o que o médico, ou pesquisador, lhe disse que iria

ocorrer? A compreensão exige tempo. O pesquisador deve dispor de tempo para informar, explicar e permitir uma real interação com a pessoa que está sendo convidada a participar do projeto de pesquisa. É importante encorajar que esta pessoa pergunte a respeito dos procedimentos e intervenções que irão ser realizadas. De acordo com o grau de complexidade do projeto, pode ser necessário realizar mais de uma entrevista antes de obter o consentimento propriamente dito.

ENGLISH, D. C. **Bioethics: a clinical guide for medical students**. New York: Norton, 1994, p. 33.

CONCEITO

Enquanto representação mental de um conjunto da realidade em função de suas características comuns essenciais, é a forma mais simples do pensamento, em oposição ao juízo e ao raciocínio, que são criações mentais compostas de conceitos. É o objeto do conhecimento consciente em relação com seu significado, que o distingue de outros objetos do conhecimento, apreendendo-o, sem pronunciar-se sobre ele. Um conceito exige duas qualidades básicas: abstração e generalização. A primeira isola a propriedade e a segunda reconhece que a propriedade pode ser atribuída a vários objetos.

BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Herder, 1969, p. 93.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 100.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 91.

CONCLUSÃO

Síntese para qual caminha o trabalho. Deve ser breve, concisa e conter uma resposta, a mais inequívoca possível, para a problemática do assunto do trabalho. A conclusão é uma decorrência lógica e natural do que foi apresentado na Introdução e exposto no Desenvolvimento do trabalho, devendo apresentar o objetivo final do trabalho, recapitulando sinteticamente os resultados da pesquisa elaborada até então, onde o autor manifesta seu ponto de vista sobre os resultados obtidos e sobre o alcance dos mesmos.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 134.

CONFIABILIDADE

Confiabilidade significa estabilidade e precisão e está relacionada ao grau de consistência da medida: (a) interna, quando os indicadores estão dentro de uma mesma escala; e (b) externa, quando as medidas são consideradas genéricas. Uma medida confiável é aquela que é previsível - há pouca variabilidade - e consistente - o resultado reflete o que se quer medir. Assim, os vários itens de uma medida devem apresentar o mesmo comportamento quando forem testados. O princípio geral da confiabilidade é correlacionar os resultados de uma medida com a sua própria reprodução. Para a correlação ser alta, a variância da medida deve ser sistemática. Naturalmente que a medida não é correlacionada com ela mesma, mas sim parte de seus itens com outra parte. A confiabilidade é, portanto, uma das características mais importantes da ciência, pois se distingue do conhecimento popular, não científico. Para obter confiabilidade, além da utilização de uma rigorosa metodologia científica para a geração do conhecimento, é importante que os resultados obtidos pelas pesquisas de um cientista sejam divulgados e submetidos ao julgamento de outros cientistas.

CAMPELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 21.

CARMINES, E.G.; ZELLER, R. A. Reliability and validity assessment. **Quantitative Applications in the Social Sciences Series**, v. 17, Newbury Park (CA): Sage Publications, 1979.

CONSTRUCTO

Construção mental ou cada um dos primeiros passos em direção à formulação de uma teoria. Os *constructos* são elaborados ou adotados, a partir dos elementos mais simples, tendo em vista determinada finalidade científica, de forma consistente e sistemática.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 169.

CORPUS

Conjunto ou coleção de escritos sobre certo tema ou repertório da produção científica ou técnica de um autor. Pode-se referir a determinado conjunto teórico.

MEGALE, J. F. **Introdução às ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 203.

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE UMA PESQUISA

Existem ocasiões em que um pesquisador deve julgar a qualidade de uma pesquisa produzida em seu domínio de conhecimento. Seja na avaliação de um artigo submetido a uma revista, de um texto proposto a um congresso científico, de uma dissertação de mestrado ou de uma tese de doutorado, cada pesquisador é levado a formular uma avaliação qualitativa sobre o trabalho de seus colegas. Os critérios de avaliação usados pelo pesquisador em tais ocasiões deveriam também auxiliar na concepção e no desenvolvimento de seus estudos, pois é necessário que os pesquisadores da área de Sistemas de Informação (SI) estejam mais atentos para o rigor científico de suas pesquisas, para que esta área se consolide como um domínio científico. Mas, acontece que em SI são difíceis julgar o valor de uma pesquisa ou de um artigo científico, e isto por três razões essenciais: a falta de critérios precisos de avaliação, a falta de detalhes relativos aos procedimentos de pesquisa e a impossibilidade de utilizar os mesmos critérios em função do método escolhido. Hopen buscou sintetizar os critérios de análise mais relevantes para a avaliação e o desenvolvimento de artigos de pesquisa em SI, que utilizam os métodos por enquete, experimental e qualitativo como processo de investigação científica de análise que, acreditamos, permitem facilitar a avaliação das pesquisas feitas em SI utilizando os três métodos citados. Estas grades estão construídas em torno de um conjunto de critérios que agrupamos em oito grandes categorias, a saber: a pertinência do método escolhido, o objeto da pesquisa, o desenho de pesquisa, os instrumentos de medida e a coleta de dados, a validade do construto, a análise dos dados, a apresentação dos resultados e o estilo do artigo. As três tabelas de avaliação comportam uma seção que dá ao avaliador a possibilidade de anotar seus comentários, fazer uma síntese do artigo ou salientar um elemento que lhe será particularmente útil. Essa seção permite também ao avaliador anotar sua apreciação pessoal do artigo e fazer uma avaliação subjetiva da utilidade que o artigo pode ter para fins pessoais. O quadro resume os critérios básicos escolhidos e que irão permitir ao avaliador apreciar a qualidade da pesquisa que deve examinar. As tabelas específicas de avaliação de cada um dos métodos de pesquisa foram desenvolvidas a partir deste referencial comum, incluindo as peculiaridades inerentes a cada um dos três métodos.

<i>Questão de pesquisa</i>	<ul style="list-style-type: none"> * Contribuição ao domínio * Identificação das teorias de base * Formulação e relevância da questão de pesquisa * Formulação e qualidade das hipóteses * Formulação e relevância do objetivo de estudo
<i>Desenho de pesquisa</i>	<ul style="list-style-type: none"> * Identificação do modelo de pesquisa * Clareza e relevância da metodologia adotada * Pertinência e qualidade da estratégia de pesquisa * Relevância do tipo de estudo * Pertinência da unidade de análise escolhida*
<i>Instrumentos de medida e coleta de dados</i>	<ul style="list-style-type: none"> * Mapeamento da escolha e da validade do instrumento de pesquisa adotado * Identificação e qualidade dos procedimentos de amostragem e da amostra * Qualidade e pertinência dos procedimentos de coleta de dados*
<i>Validade do construto</i>	<ul style="list-style-type: none"> * Qualidade das definições conceituais e operacionais * Estabilidade e constância do construto * Validade concorrente * Validade diferencial ou distintiva * Qualidade dos testes e dos meios de consistência
<i>Análise dos dados</i>	<ul style="list-style-type: none"> * Escolha do método analítico * Qualidade da aplicação do método * Rigor na aplicação do método*
<i>Apresentação dos resultados</i>	<ul style="list-style-type: none"> * Qualidade da exposição dos resultados * Validade externa, nomológica e preditiva * Fixação dos limites do estudo * Formulação e qualidade dos achados

* Dependendo do método de pesquisa, alguns critérios adicionais deverão incorporar-se a estes.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L.; MOREAU, E. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. **READ**, 7. ed., v. 2, n. 2, 1996.
STRAUB, D.W. Validating instruments in research. **Quarterly**, June, p.147-169, 1989.

CRÍTICA EXTERNA

Obtenção de evidências externas para determinar, em uma avaliação de fontes históricas, se a fonte proporciona de fato dados primários autênticos. O processo pode envolver a análise física, textual e/ou bibliográfica e é crucial à credibilidade da pesquisa histórica.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 140.

CRÍTICA INTERNA

Avaliação da credibilidade e do significado do texto.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 332.

DESENVOLVIMENTO

Corresponde ao corpo do trabalho e será estruturado conforme as necessidades do plano definitivo da obra. É preciso que haja subtítulos portadores de sentido. A fase de fundamentação lógica do tema deve ser exposta e provada.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 83.

DIACRÔNICO

Relativo ao estudo ou compreensão de um fato ou conjunto de fatos percebidos sob o ponto de vista dinâmico da sucessão do tempo, considerando-se um evento passado e suas relações com o presente.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação**. Notas de aula, Curitiba, 2003.

DOCUMENTAÇÃO DIRETA

Constitui-se do levantamento de dados no próprio local onde os fenômenos ocorrem. Eles podem ser obtidos de duas maneiras: por meio da pesquisa de campo ou da pesquisa de laboratório.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 75.

DOCUMENTOS PRIMÁRIOS

São aqueles produzidos com a interferência direta do autor da pesquisa, por exemplo, relatórios técnicos, trabalhos apresentados em congressos, monografias, teses e dissertações, patentes, normas técnicas, artigos de periódicos, documentos, enfim obras que expressam o pensamento de um autor. As fontes primárias, por sua natureza, são dispersas e desorganizadas do ponto de vista da produção, divulgação e controle. Registram informações que estão sendo lançadas, no momento de sua publicação, no corpo de conhecimento científico e tecnológico. Por essas razões são difíceis de serem identificadas e localizadas.

CAMPHELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 31.

DOCUMENTOS SECUNDÁRIOS

O aparecimento das fontes secundárias deve-se a função de facilitar o uso do conhecimento disperso em fontes primárias. As secundárias apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade. São representadas, por exemplo, pelas enciclopédias, dicionários, manuais, tabelas, revisões da literatura, tratados, algumas monografias e livro-texto, anuários e outras.

CAMPHELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 31.

DOCUMENTOS TERCIÁRIOS

São aqueles que tem por finalidade guiar o usuário para as fontes primárias e secundárias. São elas: bibliografias, os serviços de indexação e resumos, os catálogos coletivos, os guias de literatura, os diretórios entre outras.

CAMPHELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 31.

EMPÍRICO

É o conhecimento pelos sentidos, pela experiência sensível. Baseado na experiência, muitas vezes apresenta-se como um movimento pré-lógico do pensamento, da ordem da intuição.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 23.

EMPIRISMO

Corrente filosófica que considera a experiência como única fonte do conhecimento. A partir dela propõe-se a explicar os conceitos e juízos universais. A pesquisa é empírica quando se apóia no exame sistemático do real ou o submete à experiência.

BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Herder, 1969, p. 149.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 23.

ENTREVISTA

Encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 84.

ENTREVISTA CLÍNICA

É uma modalidade da entrevista despadronizada pela qual trata-se de estudar os motivos, os sentimentos, a conduta das pessoas. Realiza através da organização de uma série de perguntas específicas.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 85.

ENTREVISTA DESPADRONIZADA

É aquela em que o entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma possibilidade de poder explorar mais amplamente uma questão. Geralmente as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 85.

ENTREVISTA ESTRUTURADA

Ver ENTREVISTA PADRONIZADA

ENTREVISTA FOCALIZADA

É uma modalidade da entrevista despadronizada, na qual existe um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser. Sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessárias habilidades e perspicácia por parte do entrevistador. É muito utilizada em estudos de situações de mudança de conduta.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 85.

ENTREVISTA NÃO DIRIGIDA

É uma modalidade da entrevista despadronizada em que há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 85.

ENTREVISTA NÃO-ESTRUTURADA

Ver ENTREVISTA DESPADRONIZADA

ENTREVISTA PADRONIZADA

É aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido. As perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas e o pesquisador não é livre para adaptá-las a determinada situação, alterar a ordem dos tópicos ou de fazer outras perguntas.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 85.

EPISTEMOLOGIA

Significa, etimologicamente, discurso sobre a ciência num sentido mais amplo pode ser considerado o estudo metódico e reflexivo do

saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais. É o ramo da filosofia que trata dos problemas que envolvem a teoria do conhecimento. Ocupa-se da definição do saber e dos conceitos correlatos, das fontes, dos critérios, dos tipos de conhecimento possível e do grau de exatidão de cada um, bem como da relação real entre aquele que conhece e o objeto conhecido.

JAPIASSU, N. **Introdução ao pensamento epistemológico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991, p. 16.

ERRO MÁXIMO

Os resultados obtidos numa pesquisa elaborada a partir de amostras não são rigorosamente exatos em relação ao universo de onde foram extraídos. Esses resultados apresentam sempre um erro de medição, que diminui na proporção em que aumenta o tamanho da amostra. O erro de medição é expresso em termos percentuais e nas pesquisas sociais trabalha-se com uma estimativa de erro entre 3% e 5%.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 99.

ESQUEMA CONCEITUAL

Sistema geral de conceitos com os quais organizamos nossos pensamentos e percepções.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 126.

ESTATÍSTICA INFERENCIAL

A que se utiliza para predizer ou estimar parâmetros ou características da população a partir das amostras randômicas simples, e para testar hipóteses usando testes de significância estatística para determinar se as diferenças observadas entre os grupos são reais ou meramente dúvidas ao acaso.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 154.

ESTILO

Forma de apresentação da construção textual de uma pesquisa. Pode ser considerado como critério de avaliação de pesquisa,

relacionando-se à qualidade da organização textual, à precisão no uso da linguagem e à excelência da expressão. O melhor estudo apresentado de modo confuso e desordenado não conseguirá impressionar os leitores. O avaliador deve então assegurar-se que o texto do artigo está claro, bem organizado e bem estruturado. Um fio condutor deve orientar o texto do começo ao fim. A linguagem utilizada deve ser precisa e simples. É essencial evitar a utilização de palavras complexas, que tornam o texto pesado e a compreensão difícil. Quando se salientam os elementos importantes, a leitura e a compreensão ficam facilitadas. Também, a utilização de gráficos e quadros pode melhorar a inteligibilidade do artigo. A qualidade da língua é o outro elemento importante a ser levado em consideração. As regras de ortografia, de gramática e de estilística devem ser respeitadas. As regras de apresentação habituais de citações, referências, etc. devem igualmente ser respeitadas e o modo de proceder permanecer constante do começo ao fim.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L.; MOREAU, E. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. **Read**, 7. ed., v. 2, n. 2, 1996.

ESTRATO

Uma ou mais especificações que dividem uma população em segmentos mutuamente exclusivos.

SELLTIZ, C. ; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 4. ed. São Paulo: EPU, 1987, p. 81.

ESTRUTURA

Totalidade organizada segundo princípios internos que lhes são próprio e que comandam seus elementos ou partes, seu modo de funcionamento e suas possibilidades de transformação temporal ou histórica.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995, p.274.

ESTUDO BIBLIOMÉTRICO

O termo foi usado primeiramente para mensurar o livro e é comumente associado à medida quantitativa da produção, distribuição e uso da informação registrada. Desenvolve modelos matemáticos e medidas para esses processos, utilizando-os para a previsão e tomada de decisão, por meio do tratamento dos textos registrados e agrupando leis que contribuem para desenvolvimento

da Ciência da Informação. As três leis agrupadas pelo termo Bibliometria, para significar o tratamento quantitativo dado à informação, leis de Bradford, de Lotka e de Zipf, vieram a contribuir para o desenvolvimento da ciência da informação.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 86.

Ver também BIBLIOMETRIA

ESTUDO COMPARATIVO

Ver MÉTODO COMPARATIVO

ESTUDO DE CASO

Estudo em profundidade de casos particulares, caracterizado pela análise intensiva referente a uma única ou a algumas organizações análogas. Os chamados estudos de caso de indivíduos ou grupos isolados são instrumentos legítimos de investigação científica, com os quais se procura conhecer profundamente as características ou atributos da realidade, que pode ser uma instituição, um grupo de pessoas, um programa, ou qualquer realidade desde que tomada como uma unidade.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação**. Notas de aula, Curitiba, 2003.

ESTUDO DE CASO HISTÓRIA DE VIDA

É uma entrevista semi-estruturada que se realiza com uma pessoa de relevo social, ou não.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 134.

ESTUDO DE CASO HISTÓRICO-ORGANIZACIONAL

É aquele em que o interesse do pesquisador recai sobre a vida de uma instituição. Caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento e atividades se deseja conhecer. Basicamente procede-se à solicitação de informação a um grupo de pessoas/profissionais da área, acerca do problema estudado para em seguida obter conclusões correspondentes aos dados coletados.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 175.

ESTUDO DE CASO OBSERVACIONAL

Aquele em que o foco de exame não é a organização como um todo que interessa, somente uma parte dela.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1996, p. 135.

ESTUDO DELPHI

Ver TÉCNICA DELPHI

ESTUDO DESCRITIVO

Ver PESQUISA DESCRITIVA

ESTUDOS DE USUÁRIOS

São os estudos que tratam de analisar qualitativa e quantitativamente os hábitos de informação dos usuários de um sistema, unidade ou estrutura informacional, mediante a aplicação de distintos métodos, entre eles os matemáticos – principalmente estatísticos – ao seu consumo de informação. Seus resultados podem ser aplicados a muitas tarefas do universo de trabalho com a informação, tais como: conhecer hábitos e necessidades de informação dos usuários, assim como detectar as mudanças que neles se vão produzindo; avaliar os recursos dos centros de informação; medir o desempenho relacionado a critérios de avaliação dos centros ou unidades de informação; revelar qualidades ou problemas como adequação de coleções, espaço, variedade e quantidade de itens, entre outros critérios passíveis de serem analisados; avaliar o sistema nacional de informações; conhecer a dinâmica e estrutura dos colégios de investigadores e facilitar a organização de cursos de formação de usuários.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudos de usuarios.** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruijópez, 1994, p. 19.

Exemplo: TAVARES, C.; FREIRE. Informação ambiental no Brasil: para que e para quem. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 208-215, jul./dez. 2003.

Resumo: A informação ambiental é um tipo de informação científica e tecnológica que tem o papel fundamental na superação da crise ambiental que vivemos hoje, contribuindo para a preservação de ambientes naturais e daqueles

construídos pelo homem. Encontra-se limitada, pois não há conexão entre os mundos da informação e a realidade das populações atingidas pelas políticas públicas ambientais. Nesse contexto, os profissionais da informação devem procurar facilitar a difusão da informação ambiental, contribuindo para o desenvolvimento auto-sustentável do País.

ESTUDO EXPERIMENTAL

Aquele que visa modificar deliberadamente e de maneira controlada as condições que determinam um fato ou fenômeno e observar e interpretar as mudanças que ocorrem neste último. O estudo experimental estabelece as causas dos fenômenos, determinando qual ou quais são as variáveis que atuam produzindo modificações sobre outras variáveis.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1996, p. 112.

Ver também PESQUISA EXPERIMENTAL

ESTUDO EXPLORATÓRIO

Tem por objetivo a formulação de problemas para investigação mais exata ou para a criação de hipóteses. Ao realizar esse tipo de pesquisa o investigador procura ampliar o seu conhecimento acerca dos fenômenos sobre os quais deseja aprofundar-se em estudo posterior mais estruturado, ou da situação em que pretende realizar tal estudo. Este tipo de estudo ajuda a esclarecer determinados conceitos, estabelecer prioridades para futuras pesquisas, ou para o aprofundamento do estudo. Além disso, possibilitaria a obtenção de informações sobre possibilidades práticas de realização de pesquisas em situações de vida real e recensear problemas considerados urgentes por pessoas que trabalham em determinado campo de relações sociais. Este tipo de pesquisa é realizado experimentalmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular sobre ele hipóteses precisas e operacionalizáveis. A pesquisa exploratória aumenta a familiaridade do pesquisador com o fenômeno em questão, além de esclarecer conceitos fundamentais para seu entendimento. Pode ser usado com a finalidade de estabelecer prioridades de futuras pesquisas, identificar novos problemas ou, ainda, para reunir informações sobre

as possibilidades práticas de uma aplicação, embora tais resultados nem sempre possam ser antecipados, pois dependeriam de estudos mais aprofundados. É importante lembrar que estudos exploratórios simplesmente sugerem *insights* ou hipóteses, não os testando. Segundo GIL, de todos os tipos de pesquisa, a exploratória é a que apresenta menor rigidez no planejamento. Normalmente são utilizados para executá-la o levantamento bibliográfico e documental, as entrevistas não padronizadas e observações. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta raramente são aplicados neste tipo de estudo.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 44-45.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 60-61.

Ver também PESQUISA EXPLORATÓRIA

Exemplo: SAYÃO, L. F. Modelos teóricos em ciência da informação – abstração e método científico. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, p. 82-91, jan./abr. 2001.

Resumo: Analisa a importância dos modelos enquanto recurso metodológico e instrumento de abstração destinado à aquisição de novos conhecimentos, representação e compreensão da realidade, especialmente no contexto das áreas cujo interesse são os fenômenos relacionados à informação, como a informática e a ciência da informação. Examina, na literatura sobre modelos e modelagem, a natureza, características básicas, funções e principais tipos de modelos. Analisa a adequação dos instrumentos de modelagem ao desenvolvimento de sistemas de informação. Conclui que mais pesquisas sobre a representação de como as pessoas se posicionam diante da informação são extremamente necessárias para a concepção de sistemas de informação que preencham as necessidades de seus usuários.

EVIDÊNCIA

É a manifestação clara, a transparência, o desocultamento ou desvelamento do ser. A verdade só resulta quando houver evidência, ou seja, ela é o critério da verdade.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983, p. 25.

EXPERIMENTO

Situação de pesquisa na qual os investigadores especificam exatamente, ou controlam, as conclusões que prevalecerão na investigação.

BUSHA, C. H. ;HARTER, S. P. **Research methods in librarianship: techniques and interpretation.** New York: Academic Press, 1980, p. 35.

EXTENSÃO

É o conjunto de todos os objetos reais ou irrealis, aos quais se pode aplicar o conceito. É a classe dos objetos que ele descreve.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 138.

FORMULÁRIO

É um instrumento de coleta de dados para registro das informações obtidas diretamente do entrevistado, sendo o roteiro de perguntas preenchido pelo entrevistado, no momento da entrevista.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 100.

FRENTE DE PESQUISA.

Derek de Solla Price, ao descrever e analisar a literatura e suas inter-relações, adota o termo *frente de pesquisa*, por ter constatado na distribuição e incidência de citações em artigos de periódicos a existência de uma frente mais ativa, gerada por uma pequena parte da literatura recente. O termo refere-se a esta parcela da literatura mais recente, relacionando-a a uma parcela da literatura antiga, com exceção de artigos que, pela sua natureza e conteúdo, são citados quatro ou mais vezes durante um ano. Estes artigos, denominados de clássicos, não serviriam de parâmetro para a análise da frente de pesquisa, já que a relação entre as duas classes de literatura - recente e antiga - se dá de maneira aleatória. A aplicação da frente de pesquisa segundo Solla Price ocorreria da seguinte maneira: *um artigo publicado tem, em suas referências, metade relacionada à cerca de 50% dos artigos publicados anteriormente, e a outra metade o relaciona a uma pequena parte da literatura recente.* esse tipo de estudo tem sido utilizado como auxiliar ao planejamento e organização racional de políticas de aquisição de bibliotecas e

serviços de informação, no apoio a grupos de pesquisa assim como aos administradores e planejadores na formulação de políticas científicas.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 94

FUNCIONALISMO

Ver MÉTODO FUNCIONALISTA

GLOSSÁRIO

Repertório de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistemática ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição e remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência. Coleção de termos alfabeticamente arranjados em uma disciplina, assunto ou área de interesse e uso acompanhado de definição.

FAULSTICH, E. L. de J. Metodologia para projeto terminográfico. In: SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE TERMINOLOGIA, (2 : 1990 : Brasília). **Anais**. Brasília : IBICT, 1992. p. 206-208.

POLKING, K.; BLOSS, J.; CANNON, C. **Writing, a to z**. Cincinnati: Writer's Digest Books, 1990. p. 176.

HIPÓTESE

A hipótese envolve uma possível verdade, um resultado provável. É uma verdade pré-estabelecida, intuída, com o apoio de uma teoria. A hipótese indica caminhos ao investigador, orienta seu trabalho, assinala rumos à investigação. É uma suposição provável e provisória, como resposta a um problema, cuja adequação será verificada através da pesquisa. As hipóteses podem ser consideradas como versões reduzidas de teorias.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 127

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 4. ed. São Paulo: EPU, 1987, p. 6,.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1996, p.105.

IDADE DA LITERATURA

Expressão utilizada para descrever o declínio da representatividade de um conjunto de documentos e informações em um determinado

período de tempo. Quanto ao termo "obsolescência", tem sido comente utilizado, porém é inadequado pela impossibilidade de afirmar com exatidão que um determinado artigo se tornou obsoleto. O simples fato de ter caído em desuso não significa que os conceitos que contêm não possuem mais validade.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 94.

INCIDENTE CRÍTICO

A técnica do incidente crítico consiste em um *conjunto de procedimentos para a coleta de observações diretas do comportamento humano, de modo a facilitar sua utilização potencial na solução de problemas práticos*. Ela consiste em uma aplicação específica, tanto a questionários quanto a entrevistas. Tem como característica apenas descrever comportamentos ou atos relevantes, onde se possa captar o objetivo do ato, assim como seus efeitos. Essa técnica implica em total confiança na memória do respondente, o que pode ser perigoso caso o incidente tenha ocorrido já há algum tempo.

SLATER, M. **Research methods in library and information studies**. London: Library Association Publishing, 1990, p. 73.

INFORMETRIA

O termo foi introduzido pela primeira vez pelo Professor Otto Nacke na Alemanha, em 1979. Refere-se ao estudo de aspectos quantitativos da informação sob qualquer forma, não apenas de registros bibliográficos, e a qualquer grupo social, não apenas cientistas. A informetria refere-se à mensuração de dados baseada em modelos matemáticos, tendo como objetivo a análise de todos os aspectos relacionados à armazenagem e recuperação de informações.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para a tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 86.

INSTRUMENTO DE PESQUISA

Na investigação científica, os instrumentos de pesquisa são utilizados para ler a realidade. Por isso, o esforço do pesquisador está vinculado à produção de resultados verdadeiros, ou seja, aproximar-se ao máximo da realidade. Nas Ciências Sociais, essa busca é

particularmente crítica, pois geralmente os fenômenos investigados medem o comportamento e a percepção dos indivíduos.

HOPPEN, N. **Um guia para a avaliação de artigos de pesquisa em sistemas de informação.** Disponível em < http://read.adm.ufrgs.br/read03/artigo/guia_a.htm> Acesso em: 12 jan. 2004.

INTENSÃO

É o princípio pelo qual os objetos são ou, em outras palavras, a condição que um objeto tem de satisfazer para ser corretamente descrito pelo predicado.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 121.

INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Verificação das relações entre as variáveis independente e dependente, e da variável interveniente, a fim de ampliar os conhecimentos sobre o fenômeno.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 168

INTRODUÇÃO

Parte de um trabalho que esclarece a respeito do teor da problematização do tema do trabalho bem como a respeito da natureza do raciocínio a ser desenvolvido. Deve ser sintética e versar unicamente sobre a temática intrínseca do trabalho.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 22ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 82.

INTUIÇÃO

É a percepção imediata sem necessidade de intervenção do raciocínio. É por excelência, o tipo do saber espontâneo.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: Artmed, 1999, p. 18.

INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA

Estudo da cultura.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1996, p. 120.

JUSTIFICATIVA

Item do projeto que apresenta respostas à questão por quê? De suma importância, geralmente é o elemento que contribui mais diretamente na aceitação da pesquisa pelas pessoas ou entidades que vai financiá-la. Consiste numa exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 103.

LEI

É o enunciado de uma relação universal e invariante entre duas ou mais variáveis.

GOLDHOR, H. **Pesquisa científica em biblioteconomia e documentação**. Brasília: VIPA, 1973, p. 26.

LEI DE BRADFORD

Concentra sua descrição na observação do comportamento repetitivo da literatura em determinado campo do saber. O suporte escolhido para a análise foi o periódico, pelas suas características de incidência de assuntos e tendências. Bradford observou a possibilidade de análise da literatura técnica a partir do enunciado: poucos periódicos produzem muitos artigos e muitos periódicos produzem poucos artigos.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para a tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 89.

Exemplo: ALVARADO, R. U. A lei de lotka: o modelo langrangiano de poisson aplicado à produtividade de autores. **Perspec. Cien. Inf.**, Belo Horizonte, v. 8, N. 2, P. 188-207, jul./dez., 2003.

Resumo: Descreve a natureza da distribuição Lagrangiana de Poisson, conforme desenvolvida por Janardan e Schaeffer. Oferece as equações específicas para o caso de frequência de zero observações presentes na amostra coletada. É pouco comum encontrar-se tal distribuição no campo da bibliometria, assim descreve-se passo a passo a forma de aplicação do modelo, usando-se os dados estudados por Targino & Caldeira sobre a produtividade dos professores da Universidade Federal do Piauí, Brasil.

LEI DE DISPERSÃO

Ver: LEI DE BRADFORD

LEI DE LOTKA.

Enunciada pela primeira vez em finais da década de 30, analisa a produção científica dos autores, partindo do exame do seguinte enunciado: *o número de autores que produzem "n" trabalhos é proporcional a $1/n^2$ dos autores que produzem apenas um trabalho.* Dito de modo mais específico, se em um grupo de cientistas há 10.000 que publicam um só trabalho durante toda sua vida, haverá 100 que publicam 10 trabalhos e somente um que publica 100. Há, portanto, poucos cientistas muito produtivos

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação.** Brasília: Thesaurus, 1995, p. 91.

Exemplo: ALVARADO, R. U. A lei de Lotka na bibliometria brasileira. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 14-20, maio/ago. 2002.

Resumo: Usando os dados reportados em artigos publicados em revistas brasileiras e trabalhos apresentados em congressos nacionais, replicaram-se as aplicações da Lei de Lotka à literatura brasileira em 10 campos diferentes. Utilizou-se o método do poder inverso pelos métodos do mínimo quadrado e probabilidade máxima.

LEI DE ZIPF

Conhecida como *a lei quantitativa fundamental da atividade humana.* A primeira lei de Zipf está ligada à alta frequência de palavras no texto. Para aplicá-la, é quantificado o número de ocorrência de cada palavra em um dado texto. As palavras são então organizadas em ordem crescente de ocorrência para se verificar a frequência e a constância das mesmas no texto. A segunda lei de Zipf estabelece a ocorrência de palavras de baixa frequência em um texto onde as palavras menos frequentes ocorrem de modo que várias palavras acabam por apresentar a mesma frequência.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para a tomada de decisão nos sistemas de informação.** Brasília: Thesaurus, 1995, p. 93.

Exemplo: TARAPANOFF, K.; et al. Inteligência obtida pela aplicação de *dataminig* em base de teses francesas sobre o

Brasil. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 20-28, maio/ago. 2001.

Resumo: Os resultados das análises foram ilustrados com a aplicação da Lei de Zipf, classificando-se as informações em trivial, interessantes e ruidas, conforme a distribuição de frequência.

LEVANTAMENTO

Termo utilizado para conceituar um trabalho descritivo que busca informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter e implica na utilização de *dados quantitativos*. Procura determinar a incidência e distribuição de variáveis, categorias, características ou opiniões de um determinado universo, composto de coisas, fatos, populações de pessoas, estudando e obtendo características de amostras pequenas e, possivelmente, representativas de tais universos. Geralmente desenvolve-se em três etapas: seleciona-se uma amostra significativa, aplicam-se questionários ou formulários ou através de entrevistas; os dados são então tabulados e analisados quantitativamente, com o auxílio de cálculos estatísticos; os resultados conseguidos em essa (s) amostra (s) são, então, aplicados, com margem de erro estatisticamente previsto, ao universo gerador da amostra.

SANTOS, A. R. **Metodologia Científica**: a construção do conhecimento. Rio de Janeiro: DP&A. 1999, p. 28.

LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

Atividade de busca que consiste na identificação e registro de itens bibliográficos ou documentais relativos a um determinado assunto. As bibliotecas, como quaisquer outras unidades ou serviços de informação ou documentação são indispensáveis à primeira fase de qualquer pesquisa para responder às necessidades de informação constantes em livros, folhetos, artigos de periódicos ou outras formas de registros do conhecimento. Essa fase atende principalmente aos pesquisadores especializados que desenvolvem estudos originais, aos professores, na busca de material para a realização de pesquisas, preparo de atividades didáticas, ou de extensão, aos profissionais de qualquer área que buscam informações para que se atualizem e/ou aperfeiçoem na sua área de especialidade, aos estudantes que desejam cumprir tarefas

relacionadas à pesquisa ou trabalhos acadêmicos e aos orientadores de trabalhos para que indiquem literatura especializada em assuntos que venham a ser objeto de monografias, dissertações, teses ou similares. Com a evolução das tecnologias da informação, o termo levantamento bibliográfico aparenta certo anacronismo, uma vez que fontes eletrônicas destacam-se no cenário da pesquisa pela sua atualidade e rapidez com que são encontradas. Entretanto, assim como o termo Biblioteca permanece para denominar estruturas de grande alcance e abrangência informacional e o termo livro tem ampliado seu significado, também o qualificativo bibliográfico designa uma modalidade de pesquisa consagrada historicamente.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa**. UFPR, Notas de aula 2003.

Ver também PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

MAPA CONCEITUAL

Tipo particular de esquema representativo de conhecimento sobre um tema; sua peculiaridade reside na organização hierárquica de significados conceituais integrados a uma estrutura de proporções, onde as relações entre os conceitos se explicitam nos mesmos conectores.

BOGGINO, N. **Como elaborar mapas conceituados**. Rosário: Homo Sapiens, 2002, p. 9.

MEDIDA DE ATITUDE

É um técnica, oriunda da psicologia social, que procura estabelecer uma escala de predisposição dos indivíduos diante de um objeto social (idéias, instituições etc.) traduzida em sentença e declarações que reflitam uma orientação positiva ou negativa e, por meio desta escala, procura-se medir o grau de aceitação ou rejeição a respeito de uma determinada matéria.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 64.

MÉTODO

É um instrumento do conhecimento que proporciona aos pesquisadores, em qualquer área de sua formação, orientação geral que facilita planejar uma pesquisa, formular hipóteses, coordenar investigações, realizar experiências e interpretar os resultados.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 27.

MÉTODO CIENTÍFICO

Utiliza forma adequada à reflexão e a experimentação. Instrumento utilizado pela Ciência na sondagem da realidade, mas um instrumento formado por um conjunto de procedimentos, mediante os quais os problemas científicos são formulados e as hipóteses científicas são examinadas.

GALLIANO, A. G. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo : HARBRA, 1986, p. 32.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982, p. 19.

MÉTODO COMPARATIVO

Aquele que realiza comparações, com a finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. É usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes, e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 107.

Exemplo: VANTI, N. A. P. Da bibliometria a webmetria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ci, Inf.**, Brasília, v. 31, n.2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

RESUMO: Estudo comparativo de quatro subdisciplinas que permitem medir os fluxos de informação, a comunicação acadêmica e a difusão do conhecimento científico: a bibliometria, a cienciometria, a informetria e a webmetria. Mediante a leitura de renomados autores que têm abordado estes temas, é realizada uma discussão teórica-conceitual e uma análise das semelhanças e diferenças que unem e separam os quatro métodos quantitativos no que diz respeito aos seu histórico, objeto de estudo, variáveis, técnicas, objetivos e campo de aplicação. Uma ênfase maior é dada à característica da webometria, por se tratar de uma área emergente dentro da ciência da informação, ainda pouco

explorada no Brasil e com grandes potencialidades derivadas da expansão mundial na Internet.

MÉTODO CONSTRUTIVISTA

Aquele cujo propósito é explicar o conteúdo das premissas.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p.92.

Exemplo: SAYÃO, L. F. Modelos teóricos em ciência da informação – abstração e método científico. Ci. Inf., Brasília, v. 30, p. 82-91, jan./abr. 2001.

Resumo: Analisa a importância dos modelos enquanto recurso metodológico e instrumento de abstração destinado à aquisição de novos conhecimentos, representação e compreensão da realidade, especialmente no contexto das áreas cujo interesse são os fenômenos relacionados à informação, como a informática e a ciência da informação. Examina, na literatura sobre modelos e modelagem, a natureza, características básicas, funções e principais tipos de modelos. Analisa a adequação dos instrumentos de modelagem ao desenvolvimento de sistemas de informação. Conclui que mais pesquisas sobre a representação de como as pessoas se posicionam diante da informação são extremamente necessárias para a concepção de sistemas de informação que preencham as necessidades de seus usuários.

MÉTODO DE ANÁLISE

Ver ANÁLISE

MÉTODO DE SÍNTESE

É a negação da tese e antítese, mas por intermédio de uma proposição positiva superior - a obtida por meio de dupla negação.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 76.

MÉTODO DEDUTIVO

É aquele que de duas proposições necessariamente surge uma conclusão. É um conhecimento que se obtém de forma inevitável e

sem contraposição. Ele parte do geral para o particular. Por exemplo, todos os metais são condutores de eletricidade. A prata é um metal, logo a prata é condutor de eletricidade.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 30.

MÉTODO DIALÉTICO

Aquele que penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação recíproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 106.

MÉTODO ESTATÍSTICO

É fundamentado nos conjuntos de procedimentos apoiados na teoria da amostragem. A função principal é a representação e explicação sistemática das observações quantitativas numéricas relativas a fatores oriundos das ciências sociais, como padrão cultural, por exemplo. São aqueles fatos que envolvem uma multiplicidade de causas e por fim, são representados sob forma analítica, geralmente por meio de gráficos, tabelas e quadros estatísticos.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 46.

MÉTODO EXPERIMENTAL

É aquele em que as variáveis são manipuladas de maneira preestabelecida e seus efeitos suficientemente controlados e conhecimento pelo pesquisador para observação do estudo. Tem como funções descobrir conexões causais e atingir a demonstrabilidade.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 40.

MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Aquele que se refere à intuição intelectual e à descrição do intuito. Detendo-se nos fenômenos, aspirando apreendê-los em seus momentos essenciais através da intuição.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982, p. 24.

MÉTODO FUNCIONALISTA

Aquele que considera, de um lado a sociedade como uma estrutura complexa de grupos ou indivíduos, reunidos numa trama de ações e reações sociais, de outro, como um sistema de instituições correlacionadas entre si, agindo e reagindo umas em relações às outras.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 110.

MÉTODO HIPOTÉTICO-DEDUTIVO

Propõe-se uma hipótese e deduz-se dela certas conseqüências, que depois serão testadas pelo confronto com a experiência.

BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 248.

MÉTODO HISTÓRICO

Modo de investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade de hoje, pois as instituições alcançaram sua forma atual através de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciado pelo contexto cultural particular de cada época.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 107.

Exemplo: VALENTIM, M. L. P. Informação em ciência e tecnologia: políticas, programas e ações governamentais – uma revisão de literatura. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, p. 92-102, set./dez. 2002.

Resumo: Políticas, programas e ações governamentais para o desenvolvimento da ciência e tecnologia no país são sistematicamente criadas pelo governo brasileiro, desde a década de 50. No entanto, apesar das várias iniciativas, o estabelecimento de uma infra-estrutura para a sistematização da informação dependente essencialmente de financiamento, bem como do interesse da iniciativa privada, no sentido de buscar estes recursos e estabelecer efetivamente no país um novo segmento produtivo denominado indústria da informação.

MÉTODO INDUTIVO

Processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas, ou seja, a análise racional ocorre com elementos singulares e vai caminhando para elementos gerais. Por exemplo, partindo da conservação empírica de que a prata é um minério condutor de eletricidade e que se inclui no grupo dos metais, ela faz, por sua vez, parte dos minérios. Daí infere por análise indutiva que a prata é condutor de eletricidade.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 30.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 86.

MÉTODO OBSERVACIONAL

Fundamenta-se em procedimentos de natureza sensorial, como produto do processo em que se empenha o pesquisador no mundo dos fenômenos empíricos. É a busca deliberada, levada a efeito com cautela e predeterminação, em contraste com as percepções do senso comum.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 35.

MÉTODO REDUTIVO

É aquele que na ciência permite conhecer, descobrir, descrever e prever os fenômenos que ocorrem na realidade. Seu processo admite os procedimentos indutivos, dedutivos e cronológicos.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982, p. 35.

MÉTODO SEMIÓTICO

A primeira manifestação de atividade mental é o emprego de sinais. O semiótico é o método que estuda estes sinais, o signo focado de que estão adotados, ou seja, o significado dos símbolos. Está intimamente vinculado à importância e precisão dos símbolos, aplica processos de *semiosis*, de sinais que são interpretados de acordo com seus significados.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982, p. 25.

METODOLOGIA

Preocupação instrumental que trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1983, p. 19.

METODOLOGIA HISTÓRICA

Conjunto de alternativas e procedimentos de natureza metodológica com o objetivo de analisar e interpretar fatos relevantes do passado procurando relacioná-los entre si ou com o presente.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação**. Notas de aula, Curitiba, 2003.

METODOLOGIA NA PESQUISA

Uma série de pontos de decisão, que apresentam modos alternativos pelos quais uma pergunta genérica pode tomar contornos mais definidos. O significado dos resultados da investigação depende sempre das séries particulares de decisões e opções que foram feitas ao longo do processo de investigação.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação**: um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990, p. 87.

METODOLOGIA QUALITATIVA

Conjunto de alternativas metodológicas, procedimentos, estratégias ou abordagens com o propósito de descrever aspectos contextuais, diagnósticos e teóricos sobre determinado fenômeno, caracterizando-se pela ênfase qualitativa.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação**. Notas de aula, Curitiba, 2003.

Ver também PESQUISA QUALITATIVA

METODOLOGIA QUANTITATIVA

Conjunto de atividades com o propósito de conhecer e descrever determinadas realidades cuja ênfase recai na utilização de números ou quantidade.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação.** Notas de aula, Curitiba, 2003.

Ver também PESQUISA QUANTITATIVA

MODELIZAÇÃO

Técnica de pesquisa que envolve o uso de representações simplificadas de fenômenos do mundo real, grandemente utilizada alienadamente com a simulação. É tipicamente usada para determinar o desempenho de um sistema real pela observação do comportamento de sistemas representacionais ou análogos. Os computadores são usados freqüentemente para a simulação de sistemas complexos. Tipo de operacionalização em objetivos, ou em conclusão?.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1995, p. 66.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians.** 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 175.

MONITORAMENTO TECNOLÓGICO

Método de acompanhamento e vigilância constantes, centrados nos aspectos tecnológicos e científicos, que visam monitorar as oportunidades e ameaças das organizações.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para a tomada de decisão nos sistemas de informação.** Brasília: Thesaurus, 1995, p. 123.

NÍVEL DE CONFIANÇA

Refere-se à área da curva normal definida a partir dos desvios-padrão em relação à sua média. Numa curva normal, a área compreendida por um desvio-padrão à direita e um à esquerda da média correspondem a aproximadamente 68% de seu total. A área compreendida por dois desvios, por sua vez, corresponde a aproximadamente 95,5% de seu total. Por fim, a área compreendida por três desvios corresponde a 99,7% de seu total. Isso significa que, quando na seleção de uma amostra são considerados dois desvios-padrão, trabalha-se com um nível de confiança de 95,5%. Quando, por sua vez, são considerados três desvios-padrão, o nível de confiança passa a ser de 99,7%.

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1996, p. 99.

NORMALIZAÇÃO

É o processo de estabelecer e aplicar regras a fim de abordar ordenadamente uma atividade específica para o benefício de todos os interessados e de promover a otimização da economia, levando em consideração as condições funcionais e as exigências de segurança.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 178.

OBJETIVIDADE

Independência dos fenômenos em relação ao sujeito que conhece e age.

CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 278.

OBJETIVO

Alvo relacionado ao conteúdo intrínseco quer dos fenômenos e eventos, quer das idéias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta pelo projeto.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 102.

OBJETO

O que constitui a matéria de um estudo ou fim, o escopo de qualquer atividade, por exemplo: objeto de uma ciência, de amor, de admiração, etc.

MATTOS, C. L. **Vocabulário filosófico**. São Paulo: Leia, 1957, p. 271.

OBSERVAÇÃO

Técnica de coleta de dados para conseguir informações caracteriza-se por utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 79.

OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA

Também denominada espontânea, informal, ordinária, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meio técnico especial ou precise fazer perguntas diretas, geralmente é empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados. Tem como principal característica o fato de o conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados e que meios utilizar para observá-los.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996, p. 81.

OBSERVAÇÃO DIRETA EXTENSIVA

Realiza-se através do questionário, do formulário, de medidas de opinião e atitudes e de técnicas metodológicas.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 88.

OBSERVAÇÃO EM EQUIPE

Técnica em que um grupo pode observar a ocorrência por vários ângulos, registrando o problema na mesma área, surgindo a oportunidade de confrontar seus dados posteriormente, para verificar as predisposições.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 83.

OBSERVAÇÃO EM LABORATÓRIO

Tem caráter artificial, buscando estabelecer condições mais próximas do natural, que não sofram influências indevidas, pela presença do observador ou por seus aparelhos de medição e registro, buscando descobrir a ação e a conduta.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 83.

OBSERVAÇÃO INDIRETA

É baseada na utilização de dados documentados, como registros de estado civil, cadastros, documentos jurídicos e econômicos diversos

etc. Ao avaliar os documentos indiretos, o pesquisador deve exercitar sua análise crítica, porque tais documentos não foram produzidos com uma intenção sociológica, mas constituem simplesmente objetos sociológicos.

ASTI VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. 8. ed. São Paulo: Globo, 1989, p. 38.

OBSERVAÇÃO INDIVIDUAL

Técnica de observação realizada por um pesquisador. Nesse caso, a personalidade dele se projeta sobre o observado, fazendo algumas inferências ou distorções, pela limitada possibilidade de controles.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 82.

OBSERVAÇÃO NA VIDA REAL

Tipo de observação feita no ambiente real, registrando-se os dados à medida que forem ocorrendo, espontaneamente, sem devida preparação. A melhor ocasião para o registro é o local onde ocorre o evento, com isto reduz-se as tendências seletivas e a deturpação na revocação.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 83.

OBSERVAÇÃO NÃO-ESTRUTURADA

Ver OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA

OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPANTE

Técnica em que o pesquisador toma contato com a comunidade, ou grupo, ou realidade estudada, mas sem integrar-se a ela, permanece de fora. Presencia o fato, mas não participa dele.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 82.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE OU PARTICIPATIVA

Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades e participa das atividades normais deste.

Aquele em que o observador faz parte da situação e nela desempenha uma função, um papel.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 82.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 35.

OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA

Também chamada estruturada, planejada, controlada, é aquela que utiliza instrumentos para a coleta dos dados ou fenômenos observados. O observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação. Deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe, podendo utilizar vários instrumentos como quadros, anotações, escalas, dispositivos mecânicos e outros.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 81.

PAINEL

Técnica de entrevista que consiste na repetição de perguntas de tempo em tempo, às mesmas pessoas, a fim de estudar a evolução das opiniões em períodos curtos. As perguntas devem ser formuladas de maneira diversa, para que o entrevistado não distorça as respostas com essas repetições.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 85.

PARADIGMA

A visão de mundo partilhada por uma comunidade científica, que se expressa através do trabalho teórico.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação** : um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1990, p. 30

PESQUISA

Atividade científica pela qual descobrimos a realidade. É um processo interminável, intrinsecamente processual, sendo um fenômeno de aproximações sucessivas e nunca esgotadas. É um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a

realidade ou para descobrir verdades parciais. As pesquisas têm se concretizado sob diversos enfoques, caracterizando-se

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Atlas, 1983, p. 23.
LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 155.

PESQUISA-AÇÃO

Tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo onde os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986, p. 14.

PESQUISA APLICADA

Tipo de pesquisa em que os resultados são aplicados ou utilizados, imediatamente, na resolução de problemas que ocorrem na realidade.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 19.

PESQUISA BÁSICA

Abrange estudos conduzidos para realizar um entendimento pleno de um fenômeno sem considerar como será aplicado.

BUSHA, C. H.; HARTER, S. P. **Research methods in librarianship: techniques and interpretation**. New York: Academic Press, 1980, p. 7.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Tipo de pesquisa que abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de um determinado estudo. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou registrado sobre determinado assunto. Ato de ler, buscar, selecionar, indagar, buscar explicações em documentos escritos sobre determinado assunto.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 183.

PASQUARELLI, M. L.; TÁLAMO, M. de F. G. M. Sobre a questão da designação terminológica da disciplina orientação bibliográfica. **Ci. Inf.** Brasília, v.24, n.2, maio/ago. 1995, p. 230.

Ver também LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

PESQUISA DE AVALIAÇÃO

Tipo de pesquisa, elaborada para avaliar programas, geralmente programas sociais de melhoramento.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 4. ed. São Paulo EPU, 1987, p. 57.

Exemplo: DIAS, G. A. Avaliação do acesso a periódicos eletrônicos na web pela análise do arquivo de log de acesso. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 7-12, jan./abr. 2002.

Resumo: Apresenta uma abordagem sobre a avaliação do acesso a periódicos eletrônicos disponibilizados na web por meio de análise do arquivo log de acesso a revista *Informação & Sociedade: Estudos* é processado e apresentado como um exemplo de aplicação do uso de uma ferramenta automatizada de análise para arquivo de log de acesso. As características inerentes à análise do arquivo de log de acesso são apresentadas e discutidas.

PESQUISA DE CAMPO

É aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta. Consiste na observação dos fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente. As fases da pesquisa de campo requerem anteriormente uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão, verificando-se, assim, aqueles já realizados, permitindo assim que se estabeleça um modelo teórico de referência inicial, auxiliando na determinação das variáveis e elaboração do plano de pesquisa.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 75.

PESQUISA DE CUSTO

Tipo de pesquisa que busca, organiza, analisa e interpreta os custos dos planos operacionais e das atividades a serem executadas, a fim de determinar as vantagens e desvantagens de uma operação antes da tomada de decisão e com base em critérios pré-estabelecidos.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação**. Notas de aula, Curitiba, 2003.

PESQUISA DE LABORATÓRIO

É um procedimento de investigação mais difícil, porém, o mais exato, tendo a possibilidade de descrever e analisar o que será ou ocorrerá em situações controladas, exigindo assim instrumentação específica, precisa e ambientes adequados.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 79.

PESQUISA DE MERCADO

Visa a avaliação da satisfação do mercado/usuário, bem como a identificação de problemas e o estudo de soluções considerando a relação propósitos produtos/serviços oferecidos.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para a tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995., p. 124.

PESQUISA DESCRITIVA

Pesquisa em que se pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade. Exige do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Interessa-se em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 56.

PESQUISA DOCUMENTAL

Tipo de pesquisa em que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 57.

PESQUISA DOCUMENTÁRIA

Conjunto de estudos para esclarecer e relatar questões que incluem um objetivo, análise qualitativa das palavras nos textos dos documentos.

BUSHA, C. H.; HARTER, S. P. **Research methods in librarianship: techniques and interpretation**. New York: Academic Press, 1980, p. 179.

PESQUISA EXPERIMENTAL

Tipo de pesquisa de campo, onde os experimentos podem ser usados para testar novas técnicas a desenvolver, manter e utilizar coleções, para identificar fenômenos mal-definidos ou não-observados previamente, e para explorar condições sob as quais ocorrem certos fenômenos em BC I.

BUSHA, C. H.; HARTER, S. P. **Research methods in librarianship**: techniques and interpretation. New York: Academic Press, 1980, p. 35.

PESQUISA EXPLORATÓRIA

Tipo de pesquisa de campo, que amplia a familiaridade do pesquisador com o fenômeno em questão, ajuda a clarificar conceitos, pode ser utilizada para estabelecer prioridade de uma pesquisa futura, identificar novos problemas e finalmente, pode ser usada para obter informações com aplicações práticas, embora esses resultados nem sempre possam ser antecipados.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 60.

Ver também ESTUDO EXPLORATÓRIO

PESQUISA OPERACIONAL

Aplicação do método científico para auxiliar na tentativa de tomada de decisão nas operações gerenciais. É o tipo de pesquisa usada para identificar soluções ótimas para problemas reais utilizando-se de técnicas analítico-matemáticas.

BUSHA, C. H.; HARTER, S. P. **Research methods in librarianship**: techniques and interpretation. New York: Academic Press, 1980, p. 121

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 175.

Exemplo: BORGES, P. C. R. Métodos quantitativos de apoio à bibliometria: a pesquisa operacional pode ser uma alternativa? **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 5-17, set./dez. 2002.

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar uma forma alternativa para aplicar os métodos da Pesquisa Operacional aos fenômenos bibliométricos que surgiram no século XX, até hoje muito polêmicos.

PESQUISA PARTICIPANTE

A que responde especialmente as necessidades de populações que compreendem as classes mais carentes nas estruturas sociais contemporâneas levando em conta suas aspirações e potencialidades de conhecer e agir. É a metodologia que procura incentivar o desenvolvimento autônomo a partir das bases e uma relativa independência do exterior.

GIL, A C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1996, p. 49.

PESQUISA POR ENQUETE

Pinsonneault e Kraemer (1993) atribuem três características básicas à pesquisa por enquete. Primeiramente, ela se propõe a fornecer descrições quantitativas de determinados aspectos da população estudada. A análise pode consistir em estabelecer relações entre variáveis ou em realizar projeções acerca da população estudada. Em segundo lugar, a coleta de dados é realizada, via de regra, a partir de questionários estruturados e pré-definidos. As respostas a estas questões constituem os dados que são analisados. Finalmente, as informações são em geral coletadas junto a uma fração, ou amostra, da população-alvo. Eis por que esta amostra deve ser representativa e relevante, pois apenas isso garantirá a validade da análise em termos estatísticos, bem como um certo grau de generalização no tocante às conclusões.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L.; MOREAU, E. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. **READ**, 7. ed., v. 2, n. 2, 1996.

PESQUISA POR SONDAGEM

É um tipo de pesquisa que visa obter dados mensuráveis de uma amostra finita de indivíduos a partir de uma população predefinida.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995, p. 63.

PESQUISA PURA BÁSICA OU FUNDAMENTAL

Aquela que procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 19.

PESQUISA QUALITATIVA

Tipo de pesquisa de campo, que por um lado pode compreender atividades de investigação específicas e, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns cujas raízes estão nas práticas desenvolvidas pelos antropólogos e sociólogos sobre a vida em comunidades. À pesquisa qualitativa desenvolve cinco categorias de propósitos: contextual e descritiva; diagnóstico; avaliativa; estratégica e oferece contribuição à pesquisa teórica como geração de afirmação teórica em qualquer nível sobre o mundo social.

SLATER, M. **Research methods in library and information Studies**. London: Library Association Publishing, 1990, p. 110.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1996, p. 160.

Exemplo: CRESTANA, M. F. Bibliotecários da área médica: o discurso a respeito da profissão. *Perspect. Cienc. Inf., Belo Horizonte*, v. 8, n. 2, p. 134-149, jul./dez. 2003.

Resumo: Identifica através dos discursos, motivações e opiniões sobre o exercício da profissão bibliotecária em uma faculdade de medicina. É utilizada a metodologia do discurso do sujeito coletivo, para análise das respostas, que revelam vários caminhos da adoção e exercício da profissão, como nível de satisfação, necessidades de especialização e atualização, preocupação com a imagem da profissão e a manutenção de cargos, bem como desafios, dificuldades e facilidades específicas da área.

PESQUISA QUASE-EXPERIMENTAL

É a pesquisa nem sempre rigidamente explicativa, embora apresente certo elevado grau de controle.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo: Atlas, 1993, p. 99.

PESQUISA TEÓRICA OU CONCEITUAL

É o estudo que utiliza metodologias filosóficas, matemáticas, lingüísticas, lógicas e outras.

PERITZ, B. C. The methods of library science research: some results from a bibliometric survey. **Library research**, v. 2, 1980, p. 252.

Exemplo: BAWDEN, D. The three words of health information. **Journal of information Science**, v. 28, n.1, p. 51-52, 2002.

Resumo traduzido: Examina a aplicabilidade, validade e usabilidade da epistemologia de “Três Mundo” de Karl Popper, com referências específicas à informação e conhecimento na área de saúde. Conclui que a idéia de Popper fornece um modo valioso de entender este domínio e que, em particular, o controverso conhecimento objetivo dos “Três Mundos” de Popper é conceito válido.

PLANEJAMENTO DA PESQUISA

Processo que envolve a análise dos fatos presentes, determinação dos objetivos a serem seguidos e tomada de decisão quanto à resolução de problemas ou planos futuros.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para a tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 124.

POPULAÇÃO

Agregado de todos os casos que se adequam a algum conjunto de especificações pré-definidas.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. 4. ed. São Paulo: EPU, 1987, p. 81.

PRESSUPOSTO

Idéia nem sempre claramente expressa no texto, princípio que justifica, muitas vezes, a posição assumida pelo autor, tornando-a mais coerente dentro de uma estrutura rigorosa.

SEVERINO, A J. **Metodologia do trabalho científico**. 22ed. ver. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002, p. 56.

PROBLEMA

Expressão de uma maneira explícita, clara, compreensível e operacional, sobre a dificuldade com a qual nos defrontamos e que pretende-se resolver, limitando o seu campo e apresentando suas características. Desta forma, o objetivo da formulação de problema da pesquisa é torná-lo individualizado, específico, inconfundível. Enquanto forma especial de contradição dialética, ou dificuldade no conhecimento de algum fenômeno, o problema pode ser definido

como uma questão que envolve intrinsecamente dificuldade teórica ou prática para a qual deve ser encontrada uma solução. Sob o ponto de vista lógico, o problema decorreria da contradição entre o conhecimento almejado e os fatos. Assim, embora reconheça como problemas às contradições aparentes na contraposição ativa e consciente do homem com o meio circundante, Considera-se problemas em sentido investigativo aqueles a respeito dos quais tomamos consciência e, além disso, no momento em que o fazemos, os conhecimentos são insuficientes para aspirar a obtenção dos objetivos propostos

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 127

PROJETO

Uma das etapas componentes do processo de elaboração, execução e apresentação da pesquisa.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 215.

POSIÇÃO EPISTEMOLÓGICA.

A posição epistemológica do pesquisador pode ser positivista ou interpretativa. Na visão positivista, os fenômenos sociais são reais e podem ser estudados objetivamente. Os estudos do tipo positivista procuram explicar e prever o que acontece no mundo social, através de uma procura de fenômenos regulares e de relações causais entre os elementos que o constituem, utilizando instrumentos de medida estruturados. Na posição epistemológica interpretativa as pesquisas partem do pressuposto que as pessoas criam e associam seus próprios significados subjetivos e intersubjetivos quando interagem com o mundo que os cerca. Nesta situação, o pesquisador procura explicar os fenômenos em estudo segundo o ponto de vista dos sujeitos observados, não impondo pontos de vista externos e formulados aprioristicamente. As referências devem ser localizadas após a definição, como estabelecido previamente. Verificar ,portanto outros casos em que ela está no texto definitório.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L.; MOREAU, E. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. **READ**, 7. ed., v. 2, n. 2, 1996.

PROPÓSITO

Deliberação ou finalidade que orienta a consecução de uma pesquisa.

BUFREM, L. S. **Aspectos qualitativos e quantitativos na pesquisa em informação.** In: Evento de Extensão Universitária, 2003. Curitiba: UFPR.

QUADRO TEÓRICO

Constitui o universo de princípios, categorias e conceitos, formando sistematicamente um conjunto logicamente corrente, dentro do qual o trabalho do pesquisador se fundamenta e se desenvolve.

SEVERINO, A J. **Metodologia do trabalho científico.** 22ed. ver. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002, p. 129.

QUALIDADE

É a adequação apropriada de informações à demanda, satisfazendo expectativas e necessidades informacionais a tempo e não excedendo custos. Do ponto de vista do produtor de bens e serviços, seja uma empresa ou instituição pública ou privada, a qualidade é uma filosofia de trabalho que busca o do empreendimento. Do ponto de vista do cliente, qualidade é a satisfação contínua de suas exigências e expectativas quanto a características e atributos de um produto ou serviço. Enfim, é a totalidade das características que um produto ou serviço deve ser para satisfazer as necessidades implícitas e explícitas do usuário e mercado.

MANUAL de gestão de serviços de informação. Curitiba: TECPAR ; Brasília, 1999, p. 208-209.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação.** Brasília: Thesaurus, 1995, p. 83.

QUESTÃO ABERTA

A que permite respostas livres dos participantes.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians.** 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 93.

QUESTÃO DE AUTO-PERCEPÇÃO

A que se destina a obter opinião do respondente sobre ele mesmo. É similar a questão de atitude.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians.** 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 92

QUESTÃO DE OPINIÃO E ATITUDE

Tipo de questão cujo objetivo é determinar idéias, inclinações, preconceitos, convicções, etc. das pessoas. São consideradas mais subjetivas do que as questões factuais e mais difíceis de avaliar externamente.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 92.

QUESTÃO DE PESQUISA

A questão de pesquisa normalmente é formulada como premissa que orienta o estudo, tendo em vista que uma formulação de hipóteses é muito restrita para guiar as ações e não se aplica a pesquisas qualitativas, principalmente quando a posição epistemológica for interpretativa. Na análise de estudos que utilizam metodologias qualitativas, a avaliação das bases teóricas é fundamental. Quando a abordagem for positivista e o objetivo do estudo for à verificação de uma teoria, muitas vezes é necessário enunciar as teorias rivais existentes sobre o fenômeno em análise, para permitir uma real comprovação.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L.; MOREAU, E. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. **READ**, 7. ed., v. 2, n. 2, 1996.

QUESTÃO FATUAL

É utilizada para apurar dados como idade, gênero, etc. do respondente.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 92.

QUESTÃO FECHADA

Ver QUESTÃO FIXA

QUESTÃO FIXA OU ESTRUTURADA

Tipo de questão que limita as respostas do participante a alternativas dadas.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 93.

QUESTÃO INFORMATIVA

Questão que visa medir o conhecimento do respondente sobre determinado tópico e requer mais tempo de resposta.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 92.

QUESTÃO PROJETIVA

Tipo de questão que permite aos respondentes responder de modo de modo indireto, projetando suas crenças pessoais, atitudes, etc. em outrem. É um modo indireto de pergunta.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 92.

QUESTÃO SOBRE COMPORTAMENTO

Tipo de questão centrada nos modos de ação ou reação presentes ou futuros dos respondentes.

BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação**. Notas de aula, Curitiba, 2003.

QUESTÃO SOBRE PADRÃO DE AÇÃO

Tipo de questão utilizada para determinar como os respondentes agiriam em determinadas circunstâncias.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997, p. 92.

QUESTIONÁRIO

É um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. É um conjunto de questões aplicadas a um número de pessoas para obtenção de dados, sendo freqüentemente usado como instrumento de observação na coleta de dados primários.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 84.

QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO

Aquele cujas questões podem ser abertas ou fechadas, estando definidas, de maneira que o entrevistador é guiado desde o princípio até o final do questionário.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994, p. 97.

QUESTIONÁRIO NÃO ESTRUTURADO

É quando as questões não têm uma ordem pré-definida. Há apenas uma lista de temas sobre os quais o entrevistado dará sua opinião.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994, p. 97.

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

É quando as questões não estão rigorosamente relatadas, mas há uma ordem de temas definido.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994, p. 97.

RELATÓRIO

É a exposição geral da pesquisa, desde o planejamento às conclusões, incluindo os processos metodológicos empregados. Deve ter como base a lógica, a imaginação e a precisão e ser expresso em linguagem simples, clara, objetiva, concisa e coerente.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 171.

REVISÃO DA LITERATURA

É o estudo que analisa a produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas idéias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura selecionada. A revisão deve ser feita por especialista que, além de coletar a literatura, analisam o assunto, acrescentando o seu próprio conhecimento ou domínio da área de desenvolvimento da mesma.

CAMPELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 192.

Exemplo: LOPES, I. L. Estratégia de busca na recuperação da informação: revisão da literatura. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 31, n.2, p. 60-71, maio/ago. 2002.

Resumo: Este artigo revisa a literatura publicada sobre estratégias de busca abordando os tópicos relativos a seus conceitos, suas principais técnicas e etapas para sua operacionalização.

SIMULAÇÃO

É o conjunto de operacionalizações em objetos, ou a concretização em um modelo, de uma teoria da realidade que se pretende explicar. O uso destas estratégias pode empregar máquinas, jogos, computador ou pessoas.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1995, p. 66.

Ver também MODELIZAÇÃO

SÍNTESE

É a negação da tese e antítese, mas por intermédio de uma proposição positiva superior - a obtida por meio de dupla negação.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo : Atlas, 1993, p. 76.

SISTEMA DE CONCEITOS

É uma estrutura criada para sistematizar os conceitos de uma determinada área ou campo do conhecimento, visando abranger todos os termos relevantes, definidos pelas suas características. Sua configuração básica é um esquema estrutural, no qual os conceitos encontram-se distribuídos conforme seus lugares em relação aos outros.

CAMPOS, M. L. de A. **Linguagem documentária: teorias que fundamentam a sua elaboração.** Niterói: Eduff, 2001.

SOCIOMETRIA

A sociometria, criada por Jacob L. Moreno para estudar grupos familiares, escolares ou de trabalho, é fundamento das análises bibliométricas e cientométricas, desde que se entenda a sociometria

como uma técnica quantitativa que procura explicar as relações pessoais entre indivíduos de um grupo. Procura revelar a estrutura interna desses grupos, indicando as posições de cada indivíduo em relação aos demais, num dado momento. Tem sido um apoio metodológico para a Bibliometria, pois *permite analisar grupos, identificar lideranças, subgrupos e desajustados.*

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990, p. 112.

SONDAGEM

É um tipo de instrumento de pesquisa que visa obter dados mensuráveis de uma amostra finita de indivíduos a partir de uma população predefinida.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1995, p. 63.

TABULAÇÃO

Disposição dos dados em tabelas, possibilitando maior facilidade na verificação das inter-relações entre eles. É uma parte do processo técnico de análise estatística, que permite sintetizar os dados de observação.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 167.

TÉCNICA

Conhecimento empírico, que, graças à observação, elabore um conjunto de receitas e práticas para agir sobre as coisas.

CHAUI, M. **Convite à filosofia.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1995, p.255.

TÉCNICA DE CENÁRIOS

Estudo de previsão probabilística. É a técnica de projeção de tendências e possíveis situações futuras, a partir do cruzamento de variáveis e interações presentes de um sistema. Sequência hipotética de eventos construídos com o propósito de focalizar processos causais e pontos de decisão.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para a tomada de decisão nos sistemas de informação.** Brasília: Thesaurus, 1995., p. 117.

TÉCNICA DELPHI

Procedimento que utiliza questionários seqüenciados pelos quais a opinião dos especialistas pode ser conhecida na sustentação de questões essencialmente não-fatuais. Usado para aprimorar o julgamento de dados coletados de um painel de especialistas previamente selecionados.

BUSHA, C. H.; HARTE, S. P. **Research methods in librarianship**: techniques and interpretation. New York: Academic Press, 1980, p. 176.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997.

Exemplo: KAO, C. The Delphi Technique for personnel and budget allocation. **Libri**, v. 47, p. 256-260, 1997.

RESUMO: Estudo de caso onde é aplicada à técnica Delphi para decisão sobre locação sistemática de pessoas e orçamento e mostra que a decisão de grupos anônimos via método Delphi reduzem o preconceito de decisões pessoais e eliminam o domínio de algumas cabeças poderosas no grupo de discussão.

TEMA

É a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo certos critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. O texto pode ser recortado em idéias portadoras de significações isoláveis.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991, p. 105.

TEORIA

Meio para interpretar, criticar e unificar leis estabelecidas, modificando-as para se adequarem a dados não previstos quando de sua formulação e para orientar a tarefa de descobrir generalizações novas e mais amplas.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 122.

TEORIA CIENTÍFICA

É um sistema ordenado e corrente de proposições ou enunciados baseados em um pequeno número de princípios, cuja finalidade é descrever, explicar e prever do modo mais completo possível um conjunto de fenômenos, oferecendo suas leis necessárias.

TEORIA DO CONCEITO

Aquela que possibilita a representação do conhecimento, oferecendo suporte teórico-metodológico no contexto da representação/recuperação da informação, para resolver as questões do conceito e dar ao termo a sua devida dimensão. Apresenta as características do conceito, possibilitando a seleção daquelas mais relevantes.

CAMPOS, M. L. de A. **Linguagem documentária: teorias que fundamentam a sua elaboração**. Niterói: Eduff, 2001.

TERMINOLOGIA

Disciplina cujo objeto é o estudo e recopilação de termos especializados.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Empúries, 1993, p. 21.

TERMO

Cada palavra de uma sentença. Pode ser definido como um pronunciamento ou conjunto de pronunciamentos.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982, p. 93.

UNIVERSO

Ver POPULAÇÃO

USUÁRIO

É pessoa ou entidade que solicita, demanda ou necessita de um produto ou serviço.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação**. Brasília: Thesaurus, 1995, p. 127.

VALIDADE DE PESQUISA.

Critério de avaliação de pesquisa analisa em correlação com critérios anteriormente mencionados, a validade da pesquisa para a área do conhecimento a que se destina. De maneira geral, a validade da medida significa "medir o que se quer medir", e diz respeito ao grau

de certeza de que as medidas realmente representam os conceitos. Há validade interna quando a pesquisa possui instrumentos de controle. E existe validade externa quando os resultados de uma pesquisa podem ser generalizados. É preciso, porém, estabelecer procedimentos que viabilizem determinar a validade das medidas de forma mais operacional. Dentro desse escopo, a validade pode ser dividida em pelo menos cinco tipos diferentes, quais sejam:

- validade aparente (*face*): o instrumento de coleta de dados deve ter forma e vocabulário adequados ao propósito da mensuração (já apresentada na seção 2.3.1);
- validade de conteúdo: a medida deve representar a substância ou conteúdo do que se quer medir; todo o construto que se quer investigar deve estar representado pelas medidas (já apresentada na seção 2.3.1);
- validade de traço (*trait*): permite delimitar as características do construto que interessam ao pesquisador e à pesquisa (Peter, 1981). Ela testa a coerência interna de cada medida (confiabilidade), sua consistência sob diferentes enunciados (validade convergente) e sua diferença em relação a outras medidas de construtos diferentes (validade discriminante);
- validade de construto: ligação entre a teoria ou construto (nível conceitual) e as medidas (nível operacional);
- validade nomológica: testa através de hipóteses a relação teórica entre diferentes construtos e a relação empírica entre medidas de diferentes construtos.

Esses tipos não são exclusivos entre si. A literatura classifica a validade de forma diversa. Por exemplo, as validades convergente e discriminante eram consideradas *preditivas* ou *relativas ao critério* pela literatura dos anos 50 (capacidade de um teste prever com sucesso o critério que está sendo medido). Já a validade de construto é hoje considerada como o conjunto dos tipos conteúdo, traço e nomológico.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L.; MOREAU, E. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. **READ**, 7. ed., v. 2, n. 2, 1996.

VALIDADE DE CONSTRUTO

A validade de um construto, questão fundamental para a Ciência, está diretamente relacionada à questão do que o estudo, através do instrumento de pesquisa, está realmente medindo. O termo validade de construto "refere-se à correspondência vertical entre um

construto, que se encontra num nível conceitual inobservável, e uma medida que se pretende equivalente e que encontra-se num nível operacional. Num sentido ideal o termo significa que a medida avalia a magnitude e a direção de (1) todas as características e (2) somente das características do construto que ela pretende estimar". Portanto, na sua investigação, o pesquisador utiliza instrumentos de medida, que fornecem dados abstratos da realidade. Significa que a medida é o elo de ligação entre o problema que se quer investigar, ou a teoria que se quer confirmar, e a realidade que se quer observar. Disciplinas como a Psicologia e o Marketing são tradicionais no desenvolvimento de procedimentos para validar medidas. A área de SI tem se preocupado somente mais recentemente com o aspecto metodológico que é a validação de construto, uma etapa cuja importância é crucial na realização de uma pesquisa de qualidade.

PETER, P.J. Construct validity: a review of basic issues and marketing practices.

Journal of Marketing Research, May, 1981, p.133-145.

STRAUB, D.W. Validating instruments in MIS research. *MIS Quarterly*, June, 1989, p.147-169.

VARIÁVEL

É aquela que pode assumir qualquer valor numérico e possibilita medidas, podendo assumir um conjunto ordenado de valores dentro de determinados limites, ou seja, os valores de uma variável, no mínimo refletem uma ordem hierárquica. Ela permite informações ordenadas, porque os atributos se acham correlacionados por meio de uma divisão por graus progressiva, sendo divisíveis em unidades fracionárias seguindo uma ordem.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 77.

YOUNG, P. **Métodos científicos de investigación social**. México: Instituto de Investigaciones Sociales de la Universidad del México, p. 311, 1960.

VARIÁVEL DE CONTROLE

Fator, fenômeno ou propriedade que o investigador neutraliza ou anula propositadamente em uma pesquisa, com a finalidade de impedir que interfira na análise da relação entre as variáveis independente e dependente.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 145.

VARIÁVEL DEPENDENTE

Consiste no valor, fenômeno, fator a ser explicado ou descoberto, em virtude de ser influenciado, determinado ou afetado pela variável independente. É o fator que aparece, desaparece ou varia à medida que o investigador introduz, tira ou modifica a variável independente. É um fator cujas mudanças ou diferentes estados são esclarecidos ou preditos no decorrer de uma investigação empírica.

BUSHA, C. H.; HARTE, S. P. **Research methods in librarianship: techniques and interpretation.** New York: Academic Press, 1980, p. 9.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Atlas, p. 138, 1993.

VARIÁVEL DESCONTÍNUA

Não há graduação numérica e sua espécie não obedece a ordem seqüencial natural de continuidade, podendo ter referência infinita pelo fato de não necessitar de limites de intercessão, e pode tomar valor inteiro. Por exemplo: os alunos da disciplina de metodologia da Pesquisa, ou, os indivíduos que fazem parte de uma associação. Os valores são separados, diversificados e também exclusivos para cada variável descontínua.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 77.

VARIÁVEL DICOTÔMICA

É constituída de partes separadas e distintas, mas fazendo parte de um único atributo. São as variáveis que simplesmente divergem pela afirmação ou negação de uma das posições, pertencentes à mesma espécie.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 76.

VARIÁVEL INDEPENDENTE

É aquela que influencia, determina ou afeta outra variável, é fator determinante, condição ou causa para determinado resultado, efeito ou consequência. É o fator manipulado pelo investigador, na sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenômeno observado ou a ser descoberto, para ver que influência exerce sobre

um possível resultado. Fator manipulado pelos pesquisadores seu efeito sobre a variável é observar durante o curso de uma investigação.

BUSHA, C. H.; HARTER, S. P. **Research methods in librarianship** : techniques and interpretation. New York: Academic Press, 1980, p. 10.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**.

3. ed. São Paulo: Atlas, p. 138, 1993.

FACHIN, O. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 78.

VARIÁVEL MODERADORA

Fator, fenômeno ou propriedade, que também é condição, causa, estímulo ou fator determinante para que ocorra resultado, efeito ou consequência.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993, p. 144.

VARIÁVEL QUALITATIVA

É caracterizada pelos seus atributos e relaciona aspectos não somente mensuráveis, mas também definidos descritivamente. O conjunto de valores em que se divide uma variável qualitativa é denominado sistema de valores..Estes não são inalteráveis para cada variável. Conforme a natureza ou o objetivo do pesquisador ou ainda das técnicas a serem usadas, a variável deve ser categorizada.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 82.

VARIÁVEL QUANTITATIVA

É determinada em relação aos dados ou proporção numérica. Porém, essa atribuição não deve ser ao acaso, porque a variação de uma propriedade não é quantificada cientificamente. Por exemplo, podemos conferir um número ao comprimento de um objeto de relance, mas isso não é quantificação científica. Os procedimentos mais usados para quantificar a variável são a contagem e a mensuração.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001, p. 80.

WEBOMETRIA

Devido aos avanços tecnológicos, detectou-se estudos desenvolvidos sobre o conteúdo e a estrutura das home-pages na Web. A webometria, que vêm da infometria, consiste na aplicação de métodos informétricos à World Wide Web. A Web está se tornando, cada vez mais, um importante meio de comunicação para a ciência e a academia, pelo qual é lógico que os estudos quantitativos se estendam também a este ambiente. O termo webometrics é de autoria de Almind e Ingwersen, Entre as medições que podem ser realizadas no campo da webometria, encontra-se, por exemplo, aquela que diz respeito à freqüência de distribuição das páginas no cyberspaço. Esta medição aponta para o estudo ou análise comparativa da presença dos diversos países na rede, das proporções de páginas pessoais, comerciais e institucionais. Pode-se realizar, também, uma mesma medição em tempos diferentes para comparar, assim, a evolução da presença de uma determinada instituição ou país na rede. Da mesma forma, é possível quantificar o crescimento ou perda de importância relativa de um tema ou matéria, o que aproxima, neste caso, a webometria da cienciometria. A cartografia espacial-temporal daí resultante estará, logicamente, baseada em informação retirada da Internet, e não de outros suportes eletrônicos ou impressos mais comumente utilizados pela cienciometria.

SENGUPTA, I. N. Bibliometrics, Infometrics, scientometrics and Librametrics: na overview. **Libri**, v. 42, n. 2, p. 75-8, abr./jun. 1991.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria a webmetria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ci, Inf.**, Brasília, v. 31, n.2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo: Atlas, 1993.
- ASTI VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. 8. ed. São Paulo: Globo, 1989.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.
- BLACKBURN, S. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOGGINO, N. **Cómo elaborar mapas conceptuados**. Rosário: Homo Sapiens, 2002.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- BRUGGER, W. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Herder, 1969.
- BRUYNE, P. de et al. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.
- BUFREM, L. S. **Aspectos qualitativos e quantitativos na pesquisa em informação**. In: Evento de Extensão Universitária, 2003. Curitiba: UFPR.
- BUFREM, L. S. **Metodologia da pesquisa em informação**. Notas de aula, Curitiba, 2003.

BUFREM, L. S. **Dicionário de pesquisa.** UFPR, 2004.

BUSHA, C. H.; HARTER, S. P. **Research methods in librarianship: techniques and interpretation.** New York: Academic Press, 1980.

CABRÉ, M. T. **La terminología: teoría, metodología, aplicaciones.** Barcelona: Empúries, 1993.

CALLON, M.; COURTIAL, J. P.; PENAN, H.
Cienciometría - El estudio cuantitativo de la actividad científica: de la bibliometría a la vigilancia tecnológica. Gijón: Trea, 1995.

CAMPELLO, B.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais.** Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CAMPOS, M. L. de A. **Linguagem documentária: teorias que fundamentam a sua elaboração.** Niterói: Eduff, 2001.

CARMINES, E.G.; ZELLER, R. A. Reliability and validity assessment. **Quantitative Applications in the Social Sciences Series**, v. 17, Newbury Park (CA): Sage Publications, 1979.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica para uso dos estudantes universitários.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHAUI, M. **Convite à filosofia.** 5. ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 278.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1995.

CUNHA, I. M. R. F. **Análise documentária: considerações teóricas e experimentações.** São Paulo: FEBAB, 1989. p. 17.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência.** São Paulo: Atlas, 1983.

ENGLISH, D. C. **Bioethics: a clinical guide for medical students.** New York: Norton, 1994.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FAULSTICH, E. L. de J. **Metodologia para projeto terminográfico.** In: SIMPÓSIO LATINO AMERICANO DE TERMINOLOGIA, (2 : 1990 : Brasília). Anais. Brasília : IBICT, 1992.

FERRANTE, B. K. Bibliometrics: access in library literature. **Collection management**, v.2, Fall, 1978, p. 199-204.

GALLIANO, A. G. **O método científico: teoria e prática.** São Paulo : HARBRA, 1986.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1996, p. 97.

GOLDHOR, H. **Pesquisa científica em biblioteconomia e documentação.** Brasília: VIPA, 1973, p. 26.

HOPPEN, N.; LAPOINTE, L.; MOREAU, E. Um guia para a avaliação de artigos de pesquisas em sistemas de informações. **Read**, 7. ed., v. 2, n. 2, 1996.

JAPIASSU, N. **Introdução ao pensamento epistemológico.** 6. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas** Porto Alegre: Artmed, 1999.

LOPES, M. I. V. de. **Pesquisa em comunicação: um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 1990.

MANUAL de gestão de serviços de informação. Curitiba: **TECPAR**; Brasília, 1999.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

MATTOS, C. L. **Vocabulário filosófico**. São Paulo: Leia, 1957.

MEGALE, J. F. **Introdução às ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

PERITZ, B. C. The methods of library science research: some results from a bibliometric survey. **Library research**, v. 2, 1980.

PETER, P.J. Construct validity: a review of basic issues and marketing practices. **Journal of Marketing Research**, May, 1981, p.133-145.

POLKING, K.; BLOSS, J.; CANNON, C. **Writing, a to z**. Cincinnati: Writer's Digest Books, 1990.

POWELL, R. R. **Basic research methods for librarians**. 3. ed. Westport: Ablex, 1997.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.** Petrópolis: Vozes, 1978.

RUMMEL, J. F. **Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação.** Porto Alegre: Globo, 1974.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento.** Rio de Janeiro: DP&A. 1999.

SANZ CASADO, E. **Manual de estudios de usuarios.** Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.

SELLTIZ, C. ; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** 4. ed. São Paulo: EPU, 1987.

SENGUPTA, I. N. Bibliometrics, Infometrics, scientometrics and Librametrics: na overview. **Libri**, v. 42, n. 2, p. 75-8, abr./jun. 1991.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 22ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SLATER, M. **Research methods in library and information Studies.** London: Library Association Publishing, 1990.

STRAUB, D.W. Validating instruments in research. **Quarterly**, June, p.147-169.

TARAPANOFF, K. **Técnicas para tomada de decisão nos sistemas de informação.** Brasília: Thesaurus, 1995.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1996, p. 160.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica.** São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982, p. 93.

VANTI, N. A. P. Da bibliometria a webmetria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ci, Inf.**, Brasília, v. 31, n.2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

YOUNG, P. **Métodos científicos de investigación social.** México: Instituto de Investigaciones Sociales de la Universidad del México, 1960.

Índice

AMOSTRA	1
AMOSTRAGEM	1
AMOSTRAGEM ALEATÓRIA	1
AMOSTRAGEM AO ACASO	1
AMOSTRAGEM ESTRATIFICADA	1
AMOSTRAGEM INTENCIONAL	2
AMOSTRAGEM NÃO-PROBABILÍSTICA	2
AMOSTRAGEM POR ACESSIBILIDADE	2
AMOSTRAGEM POR APROXIMAÇÕES SUCESSIVAS	2
AMOSTRAGEM POR CONGLOMERADO	3
AMOSTRAGEM POR ETAPAS	3
AMOSTRAGEM POR "JURIS	3
AMOSTRAGEM POR COTAS	3
AMOSTRAGEM POR TIPICIDADE	4
AMOSTRAGEM PROBABILÍSTICA (PROBABILISTA)	4
AMOSTRAGEM RANDÔMICA	4
AMOSTRAGEM SIMPLES	4
AMOSTRAGEM SISTEMÁTICA	5
ANÁLISE	5
ANÁLISE DE CITAÇÃO	6
ANÁLISE DE CONTEÚDO	6
ANÁLISE DE DADOS	7
ANÁLISE DE REFERÊNCIA	7
ANÁLISE DE SISTEMAS	8
ANÁLISE DO DISCURSO	8
ANÁLISE DOCUMENTÁRIA	9
ANÁLISE INTERPRETATIVA	9
ANÁLISE LÓGICA	9
ANÁLISE TEMÁTICA	9
APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	10
BIBLIOGRAFIA	10
BIOGRAFIA INSTITUCIONAL	10
BIBLIOMETRIA	10
CIBEMETRIA	12
CIENCIOMETRIA	12
CIENTOMETRIA	13
COLETA DE DADOS	13
COMPREENSÃO	13
CONCEITO	14
CONCLUSÃO	14
CONFIABILIDADE	15
CONSTRUCTO	15
CORPUS	15
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE UMA PESQUISA	16
CRÍTICA EXTERNA	18
CRÍTICA INTERNA	18
DESENVOLVIMENTO	18
DIACRÔNICO	18
DOCUMENTAÇÃO DIRETA	19
DOCUMENTOS PRIMÁRIOS	19

DOCUMENTOS SECUNDÁRIOS	19
DOCUMENTOS TERCIÁRIOS	19
EMPÍRICO	20
EMPIRISMO	20
ENTREVISTA	20
ENTREVISTA CLÍNICA	20
ENTREVISTA DESPADRONIZADA	20
ENTREVISTA ESTRUTURADA	21
ENTREVISTA FOCALIZADA	21
ENTREVISTA NÃO DIRIGIDA	21
ENTREVISTA NÃO-ESTRUTURADA	21
ENTREVISTA PADRONIZADA	21
EPISTEMOLOGIA	21
ERRO MÁXIMO	22
ESQUEMA CONCEITUAL	22
ESTATÍSTICA INFERENCIAL	22
ESTILO	22
ESTRATO	23
ESTRUTURA	23
ESTUDO BIBLIOMÉTRICO	23
ESTUDO COMPARATIVO	24
ESTUDO DE CASO	24
ESTUDO DE CASO HISTÓRIA DE VIDA	24
ESTUDO DE CASO HISTÓRICO-ORGANIZACIONAL	24
ESTUDO DE CASO OBSERVACIONAL	25
ESTUDO DELPHI	25
ESTUDO DESCRITIVO	25
ESTUDOS DE USUÁRIOS	25
ESTUDO EXPERIMENTAL	26
ESTUDO EXPLORATÓRIO	26
EVIDÊNCIA	27
EXPERIMENTO	28
EXTENSÃO	28
FORMULÁRIO	28
FRENTE DE PESQUISA.	28
FUNCIONALISMO	29
GLOSSÁRIO	29
HIPÓTESE	29
IDADE DA LITERATURA	29
INCIDENTE CRÍTICO	30
INFORMETRIA	30
INSTRUMENTO DE PESQUISA	30
INTENSÃO	31
INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	31
INTRODUÇÃO	31
INTUIÇÃO	31
INVESTIGAÇÃO ETNOGRÁFICA	31
JUSTIFICATIVA	32
LEI	32
LEI DE BRADFORD	32
LEI DE DISPERSÃO	33
LEI DE LOTKA.	33
LEI DE ZIPF	33

LEVANTAMENTO	34
LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO	34
MAPA CONCEITUAL	35
MEDIDA DE ATITUDE	35
MÉTODO	35
MÉTODO CIENTÍFICO	36
MÉTODO COMPARATIVO	36
MÉTODO CONSTRUTIVISTA	37
MÉTODO DE ANÁLISE	37
MÉTODO DE SÍNTESE	37
MÉTODO DEDUTIVO	37
MÉTODO DIALÉTICO	38
MÉTODO ESTATÍSTICO	38
MÉTODO EXPERIMENTAL	38
MÉTODO FENOMENOLÓGICO	38
MÉTODO FUNCIONALISTA	39
MÉTODO HIPOTÉTICO-DEDUTIVO	39
MÉTODO HISTÓRICO	39
MÉTODO INDUTIVO	40
MÉTODO OBSERVACIONAL	40
MÉTODO REDUTIVO	40
MÉTODO SEMIÓTICO	40
METODOLOGIA	41
METODOLOGIA HISTÓRICA	41
METODOLOGIA NA PESQUISA	41
METODOLOGIA QUALITATIVA	41
METODOLOGIA QUANTITATIVA	41
MODELIZAÇÃO	42
MONITORAMENTO TECNOLÓGICO	42
NÍVEL DE CONFIANÇA	42
NORMALIZAÇÃO	43
OBJETIVIDADE	43
OBJETIVO	43
OBJETO	43
OBSERVAÇÃO	43
OBSERVAÇÃO ASSISTEMÁTICA	44
OBSERVAÇÃO DIRETA EXTENSIVA	44
OBSERVAÇÃO EM EQUIPE	44
OBSERVAÇÃO EM LABORATÓRIO	44
OBSERVAÇÃO INDIRETA	44
OBSERVAÇÃO INDIVIDUAL	45
OBSERVAÇÃO NA VIDA REAL	45
OBSERVAÇÃO NÃO-ESTRUTURADA	45
OBSERVAÇÃO NÃO-PARTICIPANTE	45
OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE OU PARTICIPATIVA	45
OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA	46
PAINEL	46
PARADIGMA	46
PESQUISA	46
PESQUISA-AÇÃO	47
PESQUISA APLICADA	47
PESQUISA BÁSICA	47
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	47

PESQUISA DE AVALIAÇÃO	48
PESQUISA DE CAMPO	48
PESQUISA DE CUSTO	48
PESQUISA DE LABORATÓRIO	49
PESQUISA DE MERCADO	49
PESQUISA DESCRITIVA	49
PESQUISA DOCUMENTAL	49
PESQUISA DOCUMENTÁRIA	49
PESQUISA EXPERIMENTAL	50
PESQUISA EXPLORATÓRIA	50
PESQUISA OPERACIONAL	50
PESQUISA PARTICIPANTE	51
PESQUISA POR ENQUETE	51
PESQUISA POR SONDAGEM	51
PESQUISA PURA BÁSICA OU FUNDAMENTAL	51
PESQUISA QUALITATIVA	52
PESQUISA QUASE-EXPERIMENTAL	52
PESQUISA TEÓRICA OU CONCEITUAL	52
PLANEJAMENTO DA PESQUISA	53
POPULAÇÃO	53
PRESSUPOSTO	53
PROBLEMA	53
PROJETO	54
POSIÇÃO EPISTEMOLÓGICA.	54
PROPÓSITO	55
QUADRO TEÓRICO	55
QUALIDADE	55
QUESTÃO ABERTA	55
QUESTÃO DE AUTO-PERCEPÇÃO	55
QUESTÃO DE OPINIÃO E ATITUDE	56
QUESTÃO DE PESQUISA	56
QUESTÃO FATUAL	56
QUESTÃO FECHADA	56
QUESTÃO FIXA OU ESTRUTURADA	56
QUESTÃO INFORMATIVA	57
QUESTÃO PROJETIVA	57
QUESTÃO SOBRE COMPORTAMENTO	57
QUESTÃO SOBRE PADRÃO DE AÇÃO	57
QUESTIONÁRIO	57
QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO	58
QUESTIONÁRIO NÃO ESTRUTURADO	58
QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO	58
RELATÓRIO	58
REVISÃO DA LITERATURA	58
SIMULAÇÃO	59
SÍNTESE	59
SISTEMA DE CONCEITOS	59
SOCIOMETRIA	59
SONDAGEM	60
TABULAÇÃO	60
TÉCNICA	60
TÉCNICA DE CENÁRIOS	60
TÉCNICA DELPHI	61

TEMA	61
TEORIA	61
TEORIA CIENTÍFICA	61
TEORIA DO CONCEITO	62
TERMINOLOGIA	62
TERMO	62
UNIVERSO	62
USUÁRIO	62
VALIDADE DE PESQUISA	62
VALIDADE DE CONSTRUTO	63
VARIÁVEL	64
VARIÁVEL DE CONTROLE	64
VARIÁVEL DEPENDENTE	65
VARIÁVEL DESCONTÍNUA	65
VARIÁVEL DICOTÔMICA	65
VARIÁVEL INDEPENDENTE	65
VARIÁVEL MODERADORA	66
VARIÁVEL QUALITATIVA	66
VARIÁVEL QUANTITATIVA	66
WEBOMETRIA	67